

# **“O Brasil é apenas um Portugal maior”: o discurso da *Ilustração Portuguesa* e da ABC sobre o centenário da independência do Brasil (1922)**

*“Brazil is just a bigger Portugal”: the discourse of Ilustração Portuguesa and ABC on the centennial of Brazil’s independence (1922)*

**Jorge Pedro Sousa**

Universidade Fernando Pessoa  
e ICNOVA — Instituto de Comunicação da NOVA  
jpsousa@ufp.edu.pt  
ORCID ID: [0000-0003-0814-6779](https://orcid.org/0000-0003-0814-6779)

**Celiana Azevedo**

Universidade Nova de Lisboa  
e ICNOVA — Instituto de Comunicação da NOVA  
celianaazevedo@fcsh.unl.pt  
ORCID ID: [0000-0002-1768-2525](https://orcid.org/0000-0002-1768-2525)

**Resumo:** Portugal e Brasil compartilharam, até 1822, uma única história. Mas a 7 de setembro desse ano, após mais de três séculos, o Brasil proclamou a sua independência. Cem anos mais tarde, a independência do Brasil foi motivo de celebração em ambos os países, com a imprensa portuguesa a fazer uma ampla cobertura do acontecimento. Como parte do projeto “Para uma História do Jornalismo em Portugal”, financiado pela FCT, esta pesquisa tem como objetivo responder às seguintes perguntas: de que forma a imprensa portuguesa, mais especificamente, as revistas de informação geral cobriram as festas do centenário da independência brasileira em Portugal e no Brasil? Que representações e enquadramentos mediático se fizeram do Brasil? Como a imagem mediática do Brasil poderá ter-se projetado no imaginário compartilhado dos portugueses? A pesquisa apurou os enquadramentos discursivos referentes ao centenário da independência do Brasil nas revistas *Ilustração Portuguesa*, a principal revista ilustrada generalista de expansão nacional, e *ABC — Revista Portuguesa*, a primeira revista ilustrada de informação geral da I República. Para isso, foi realizada uma análise qualitativa e quantitativa do discurso de todos os números da *Ilustração Portuguesa* e da *ABC* publicados entre agosto e dezembro de 1922. A análise qualitativa incidiu nas sequências discursivas e nos exemplos iconográficos interpretados, desde um olhar hermenêutico e heurístico. A análise quantitativa centrou-se nos géneros jornalísticos e temas das matérias. Concluiu-se que ambas as revistas fizeram uma cobertura pormenorizada das comemorações do centenário de independência do Brasil. O forte valor noticioso do centenário do Brasil, encarado a partir das relações entre ambos os países, explica por que razão o acontecimento foi tão amplamente repercutido nas páginas das revistas em Portugal. As narrativas da *Ilustração Portuguesa* remetem para o imaginário da afinidade entre Portugal e Brasil, com os brasileiros vistos sempre como “irmãos”. Mas a perspectiva da revista é portuguesa — o Brasil é reportado sempre em relação com Portugal. Ainda que não abandone a imagem de união entre os dois países, a *ABC* teve uma abordagem mais centrada nos factos e crítica em relação ao Governo português. O discurso visual teve grande destaque em ambas as revistas e contribuiu para consolidar as ideias sugeridas no texto verbal.

**Palavras-chave:** revistas; informação geral; centenário de independência; Brasil; Portugal.

**Abstract:** Portugal and Brazil shared, until 1822, a single history. But on September 7 of 1922, after more than three centuries, Brazil proclaimed its independence. One hundred years later, Brazil's independence was a cause for celebration in both countries, with the Portuguese press covering the event extensively. As part of the project “Para uma História do Jornalismo em Portugal”, funded by the FCT, this research aims to answer the following questions: how the Portuguese press, more specifically, the general information magazines covered the centenary of Brazilian independence in Portugal and in Brazil? What media representations and frames were made of Brazil? How could the media image have been projected in the shared imagination of the Portuguese? The research examined the discursive frames related to the centenary of the independence of Brazil in the magazines *Ilustração Portuguesa*, the main general illustrated magazine of national expansion; and in *ABC — Revista Portuguesa*, the main general information illustrated magazine of the First Republic. So, a qualitative and quantitative analysis of the discourse of all the issues of *Ilustração Portuguesa* and *ABC* published between August and December 1922 was carried out. The qualitative analysis focused on discursive sequences and iconographic examples interpreted from a hermeneutic and heuristic perspective. The quantitative analysis focused on the journalistic genres and subjects. It was concluded that both magazines covered in detail the celebrations of the centenary of Brazil's independence. The strong news value of Brazil's centenary of independence, as it was seen from Portugal, explains why the event was so widely echoed in the pages of *Ilustração Portuguesa* and *ABC*. The narratives of *Ilustração Portuguesa* refer to the imaginary of the affinity and brotherhood between Portugal and Brazil. Brazilians were always seen as “brothers” of the Portuguese. But the magazine's perspective is Portuguese — Brazil is always reported in relation to Portugal. Although *ABC* did not abandon the image of union and brotherhood between the two countries, it took a more factual and critical approach to the Portuguese Government. The visual discourse had great prominence in both magazines and contributed to consolidate the ideas suggested in the verbal text.

**Keywords:** magazines; general information; centenary of independence; Brazil; Portugal.

## Introdução

Portugal e o Brasil compartilham a língua. Até 1822, compartilharam, também, uma história. Mas a 7 de setembro desse ano, após mais de três séculos unido a Portugal, o vice-reino do Brasil proclamou a sua independência. Nasceu o Império Brasileiro, o qual, em 1889, se tornou na República Federativa do Brasil. Cem anos mais tarde, a 7 de setembro de 1922, a independência do Brasil foi motivo de celebração. Os festejos duraram meses. O Brasil era já o maior país lusófono e, destes, era aquele que possuía maior número de habitantes, ultrapassando a potência colonial.

O centenário da independência brasileira foi coberto pelos media em Portugal, país ao qual o Brasil tinha estado unido até cem anos antes? Se o foi, como é que a efeméride foi enquadrada? Que representação mediática se fazia do Brasil nos media portugueses, após cem anos de independência? Qual era a imagem que os media portugueses davam do Brasil e como é que essa imagem se poderá ter projetado no imaginário compartilhado dos portugueses sobre o Brasil?

Numa tentativa de contribuir para responder às perguntas que constituem o problema de partida, o objetivo desta pesquisa é apurar os enquadramentos discursivos com que as revistas *Ilustração Portuguesa*, a principal e a mais antiga<sup>1</sup> das duas únicas revistas ilustradas generalistas de expansão nacional que então circulavam em Portugal, e a *ABC — Revista Portuguesa*, a primeira revista ilustrada portuguesa de informação geral a surgir durante a I República, perspetivaram o centenário da independência do Brasil. A partir da inventariação desses enquadramentos, tentou traçar-se a imagem que ambas as publicações projetavam do Brasil, contribuindo para o desenvolvimento do imaginário português sobre este país. Parece especialmente oportuna a investigação quando se considera que, em 2022, o Brasil celebrará o bicentenário da sua independência.

Escolheu-se a *Ilustração Portuguesa* e a *ABC* para objetos da pesquisa porque, enquanto revistas ilustradas politicamente independentes e apartidárias, penetravam transversalmente toda a sociedade portuguesa (Sousa, 2017). Metaforicamente, revistas ilustradas como a *Ilustração Portuguesa* e a *ABC* eram janelas abertas para o mundo, já que, juntando iconografia à palavra, exerceram “um domínio avassalador na difusão massiva de imagens sobre a realidade” (Sousa, 2017, p. 22).

<sup>1</sup> A revista semanal *Ilustração Portuguesa*, a segunda que, na história, surgiu, em Portugal, com esse título, nasceu, a 9 de novembro de 1903, no seio da empresa do jornal *O Século*, um periódico político-noticioso republicano que se converteu num diário de informação geral, competindo, diretamente, com o mais institucional *Diário de Notícias* pela liderança da informação diária em Portugal, predominantemente na capital, Lisboa. É considerada, entre todas as publicações impressas, o principal arquivo gráfico da vida em Portugal na I República.

Entre agosto e dezembro de 1922, meses que balizam a pesquisa (para abarcar o antes e o depois do Dia da Independência, 7 de setembro), a *Ilustração Portuguesa* ia na sua segunda série<sup>2</sup>. As dimensões de cada número semanal de 32 páginas rondavam, nesta segunda série, cerca de 18 por 28 cm. Vendia-se por um escudo, o que equivaleria, atualmente, a cerca de 5 euros. No início do período analisado, era, formalmente, dirigida pelo ex-proprietário do grupo do jornal *O Século*, José Joaquim da Silva Graça, embora quer a revista, quer o matutino, já pertencessem à Sociedade Nacional de Tipografia. Silva Graça, aliás, ao tempo viveria em Paris<sup>3</sup> e o seu nome desaparecerá do cabeçalho a partir da edição de 11 de novembro de 1922. A *Ilustração Portuguesa* seria, na verdade, dirigida por António Maria de Freitas<sup>4</sup>, antigo chefe de redação e secretário-geral de *O Século* e, nessa altura, subdiretor deste diário. Tinha por editor o jornalista, fotógrafo amador e professor António Maria Lopes.

Primeira revista ilustrada de informação geral a surgir durante a I República, a *ABC — Revista Portuguesa*, foi fundada por Mimon Anahori e Rocha Martins. Teve a publicação de seu primeiro número em 15 de julho de 1920 e o último à data de 24 de setembro de 1931. Possuía periodicidade semanal e cada número tinha 32 páginas. No seu lançamento, Fausto Villar figurava como editor e Rocha Martins como diretor da revista. A revista teve outros editores, mas Rocha Martins permaneceu na *ABC* como diretor-fundador até a publicação deixar de existir, inclusivamente, exercendo uma participação muito ativa na produção de peças. A nível gráfico, a revista *ABC* distinguiu-se pelas capas coloridas, quase sempre compostas por uma ilustração ou fotografia e um título. As suas páginas eram repletas de fotografias e outros tipos de iconografia e eram compostas, inicialmente, a preto-e-branco, até porque uma solução colorida seria tecnológica e financeiramente inviável, em 1920. Somente a partir de agosto de 1930 a revista passou a ter cor em algumas páginas interiores, porém monocromáticas. A revista era publicada em papel couché e na data de seu lançamento custava 30 centavos. O preço por exemplar passou para 50 centavos em junho 1921, 1 escudo em outubro de 1922 e 1\$50 escudos em junho de 1924, permanecendo com este preço até à sua extinção. O seu número de 10 de agosto de 1922 foi apreendido pelas autoridades republicanas — Portugal não tinha, à época, plena liberdade de imprensa.

Tendo em conta, conforme Bignami (2002), que os mitos associados à imagem externa de uma nação, em concreto o Brasil, têm raízes históricas e culturais profundas, partiu-se da

2 A segunda série iniciou-se, provavelmente, a 26 de fevereiro de 1906. Não há certeza absoluta da data porque os primeiros números da segunda série não foram datados. Presume-se a data pela sucessão de números da publicação e pelo dia da semana de publicação habitual.

3 Em 1922 viveria em França, segundo a entrada biográfica a si dedicada publicada na *Grande Enciclopédia Portuguesa Brasileira* (Lisboa/Rio de Janeiro: Editorial Enciclopédia, 1978).

4 No obituário de António Maria de Freitas, publicado no n.º 917 da segunda série da *Ilustração Portuguesa* (15 de setembro de 1923, p. 347), diz-se que este jornalista — também professor — dirigiu esta revista. Provavelmente, tê-lo-ia feito nos últimos meses de 1922, no período sob análise.

hipótese de que, passados cem anos da independência brasileira, as imagens mediáticas do Brasil na imprensa portuguesa refletiam alguns dos mitos perenes sobre o Brasil em Portugal, designadamente o do “país-irmão”, paraíso tropical e terra de oportunidades, conforme concluíram várias pesquisas sobre o tema (Sousa, 2004a; Viana, 2014, 2020; Lopes & Sousa, 2019).

### Referencial teórico

Responder às perguntas que constituíram o problema de partida e testar a hipótese avançada implica, na linha de Silverstone (2002), reconhecer nos media instituições sociais produtoras, mediadoras e difusoras de significados, dentro de uma determinada cultura. Por outras palavras, nas sociedades moldadas pelos media, as pessoas são, em parte, suscetíveis e sensíveis à mediação simbólica exercida pelos meios de comunicação para atribuírem sentidos para o mundo. A mediatização corresponde, nesse âmbito, a uma materialização do sentido dos discursos patentes nos meios de comunicação, que assim se autonomizam dos seus autores e perduram no tempo (Verón, 2013). Implica, igualmente, reconhecer que, ao proporem, pelo discurso, enquadramentos para acontecimentos e assuntos de um determinado país, os media participam na construção, reconstrução e expressão discursiva da sua imagem e do imaginário que sobre este se constrói, tal como emerge das pesquisas já realizadas sobre as imagens do Brasil nos media estrangeiros (Sousa, 2004a; Hugon, 2006; Paganotti, 2007, 2009; Lisboa, 2008; Scheyerl & Siqueira, 2008; Lopes, 2010; Viana, 2014, 2020; Rasia, 2014; Barrere, 2017; Lopes & Sousa, 2019), das quais quatro especificamente na imprensa portuguesa (Sousa, 2004a; Viana 2014, 2020; Lopes & Sousa, 2019). Essas pesquisas confirmam, em geral, que a imagem do Brasil no exterior se baseia em ideias, algumas míticas, perenes: país amistoso, belo, cheio de recursos naturais, uma terra de oportunidades, o país do futebol, do samba, do Carnaval e da mulata. Mais recentemente essa imagem idealizada que povoa o imaginário estrangeiro sobre o Brasil tem sido contaminada pela imagem de um país violento e corrupto de políticos incapazes e irresponsáveis. Perdura ainda a imagem do Brasil como “país-irmão” de Portugal.

O referencial teórico da investigação aglutina quatro conceitos centrais: noticiabilidade, enquadramento, imagem mediática e imaginário.

A noticiabilidade explica por que razão o centenário do Brasil foi notícia em Portugal. Por noticiabilidade pode considerar-se o conjunto de qualidades que tornam notável um facto singular, salientando-o dos incontáveis factos que constituem a malha da realidade e elevando-o à categoria de acontecimento digno de se tornar notícia. Notícia é, portanto, o que é notável, por apresentar determinadas qualidades, conforme intuíram Galtung e Ruge (1965), primeiros autores a proporem uma lista de valores-notícia. As qualidades que tornam um facto notável dão-lhe valor como notícia. São valores da notícia, ou valores-notícia. No mesmo sentido, Nelson Traquina (2002, p. 173) sustenta que a noticiabilidade é:

o conjunto de critérios e operações que fornecem a aptidão de merecer um tratamento jornalístico, isto é, de possuir valor como notícia. Assim, os critérios de noticiabilidade são o conjunto de valores-notícia que determinam se um acontecimento, ou um assunto, são suscetíveis de se tornar notícia, isto é, serem julgados como transformáveis em matéria noticiável, por isso, possuindo “valor-notícia” (Traquina 2002, p. 173).

Os valores da notícia, isto é, as qualidades que tornam um facto real saliente e notado são historicamente estáveis, orientam o julgamento noticioso e, portanto, a produção jornalística (Stephens, 1988, pp. 33-35; Traquina, 2002, p. 187 e p. 276). São, pois, critérios de noticiabilidade. Regem a seleção noticiosa, quer se considerem desde uma perspetiva cultural (para explicar o que é notícia), quer normativa (como justificação do julgamento noticioso e da seleção noticiosa).

O centenário da independência do Brasil teve valor e foi selecionado como notícia por obedecer a vários desses critérios de noticiabilidade, como sejam: a notoriedade do país, um dos maiores do mundo; a proximidade linguística e histórica com Portugal; a tangibilidade e o carácter concreto da efeméride, passível de ser observada como uma singularidade bem delimitada ou um conjunto interligado de singularidades bem delimitadas; a ausência de ambiguidade no significado do acontecimento; o facto de se tratar de uma efeméride, funcionando como um gancho para a notícia; e mesmo a facilidade com que a cobertura do evento podia fazer-se.

Selecionar os factos notáveis, como o centenário da independência do Brasil, para se tornarem notícia em função da sua noticiabilidade já significa enquadrá-los. A valoração de um facto de maneira a elevá-lo à categoria de acontecimento noticiável, tornando-o saliente na superfície aplanada da multiplicidade de factos da realidade material, é verdadeiramente enquadrá-lo, dando-lhe importância como notícia (Orgad, 2012). A noticiabilidade está, pois, associada à noção de enquadramento.

Noticiar constitui, assim, uma proposta de enquadramento do mundo, já que define algo como importante, notável, em detrimento da incontável multiplicidade de factos e assuntos que não se tornam notícia. Enquadrar é, por outro lado, inerente à produção discursiva jornalística. Uma vez que o jornalismo se baseia na produção discursiva acerca de referentes singulares, enquadrar é inevitável. Para terem e produzirem sentido num determinado contexto, os discursos jornalísticos propõem determinadas formas de olhar para o mundo, ou seja, de enquadrar o mundo (Orgad, 2012, pp. 28-30).

A definição de enquadramento discursivo passa, em grande medida, pela formulação de Gamson e Modigliani (1987, p. 143): é uma ideia organizadora que brota de um discurso, conferindo-lhe um significado particular. Os enquadramentos revelam-se, em primeiro lugar, na organização do discurso, no que é dito e mostrado e no que, não sendo dito ou mostrado, é implícito ao discurso (Goffman, 1975), nas sugestões implícitas ou explícitas sobre o que

está em causa (Gamson, 1989), nos padrões de apresentação, seleção, ênfase, exclusão e interpretação (Gitlin, 1980), nas metáforas, frases feitas e exemplos e no encaixe das novidades em velhas molduras interpretativas (Traquina, 2002), enfim, “na seleção de certos aspetos de uma realidade percebida e a construção de mensagens que realcem ligações entre esses aspetos, de forma a promover uma interpretação particular” (Entman, Matthes & Pellicano, 2009, p. 176).

Os enquadramentos podem ter duas dimensões. A primeira dimensão diz respeito ao sentido imediato do discurso dentro de um determinado contexto cultural. O Brasil é o Brasil; a visita do Presidente da República Portuguesa ao Brasil é a visita do Presidente da República Portuguesa ao Brasil. A segunda dimensão diz respeito às interpretações que na própria peça jornalística possam ser discursivamente sugeridas pelo enunciador para os acontecimentos e problemáticas, com clareza ou opacidade, incluindo, por vezes, o estabelecimento de fronteiras entre o certo e o errado; o correto e o incorreto; o legítimo e o ilegítimo; o normal e o desviante (Orgad, 2012, pp. 28-30).

No entanto, se os enquadramentos de um discurso são propostos pelo seu enunciador, em função da sua cultura e da sua ideologia (entendida como o conjunto de conhecimentos, valores e ideias por meio das quais o enunciador interpreta inteligivelmente o mundo, age sobre ele e o comunica de forma compreensível — Hartley, 2002, p. 103; Barker & Galasinski, 2001, p. 66), não será menos verdade aceitar que esses enquadramentos serão negociados, a jusante, por cada recetor, que normalmente retém dos discursos “o que quer e como quer”, pois a receção é moldada pelas expectativas, valores e crenças do recetor (Bryant & Zillmann, 1996; Sousa, 2006; Batziou, 2011).

Vários enquadramentos discursivos são explícitos, revelando-se, por exemplo, em explicações, análises e opiniões sobre os factos e problemáticas traduzidos discursivamente; outros são implícitos, não ditos (Fowler, 1994), incluindo-se aqui, desde logo, o acordo tácito entre emissor e recetor sobre o que é visto como notícia num determinado veículo jornalístico e no seio de uma determinada cultura. Isto é, o enunciador jornalístico não explica porque é que algo é notícia; o enunciador parte do princípio de que no contrato de leitura (Véron, 1999; Charaudeau, 2006) que o liga ao recetor está subjacente a sua capacidade de selecionar o que tem valor como notícia. Outro conceito mobilizado na interpretação de resultados desta pesquisa é o de imagem mediática, que, em grande medida, resulta dos enquadramentos que são dados no discurso mediático a certas regularidades.

Na linha de autores como Joly (1996), Silverstone (2002) ou Baldissera (2003), por imagens mediáticas podem considerar-se as representações discursivas construídas e sugeridas discursivamente pelos media para determinadas singularidades reais, podendo, por analogia entre a representação discursiva e o objeto representado, traduzir elementos autênticos dessas singularidades, mas também serem contaminadas pelos valores, interesses, objetivos e mesmo pelos preconceitos dos enunciadores. Baldissera (2003) sugere, igualmente, que uma imagem

resulta das impressões manifestas discursivamente em relação a uma determinada singularidade, podendo ser positiva, quando promove empatia e/ou simpatia em relação à realidade representada, ou negativa, quando promove aversão ou antipatia, tendo, portanto, um caráter apreciativo, valorativo e de construção mental. Além disso, a construção de uma imagem, dentro de um contexto sociocultural a partir do qual se produz significação para o mundo, depende dos discursos pré-existentes que circulam no meio social e de conhecimentos prévios, bem como de informações e experiências novas (Baldissera, 2003). A imagem construída pelos media estrangeiros sobre o Brasil, no passado e na atualidade, associa o país, conforme se referiu e as pesquisas documentam, às belezas e recursos naturais, ao povo hospitaleiro e alegre, ao samba e ao Carnaval, ao futebol, mais do que à corrupção, violência e incapacidade política, traços recentes que foram contaminando o imaginário idealizado e romântico sobre o Brasil. (Sousa, 2004a; Hugon, 2006; Paganotti, 2007, 2009; Lisboa, 2008; Scheyerl & Siqueira, 2008; Lopes, 2010; Viana, 2014, 2020; Rasia, 2014; Barrere, 2017; Lopes & Sousa, 2019).

Empregou-se, atrás, a noção de imaginário como um conjunto de imagens partilhadas, isto é, como um conjunto de representações partilhadas sob a forma de signos, que, no seio de uma determinada cultura, contribuem para dar coesão a uma comunidade (Barthes, 1971, 1984a, 1984b, 2006; Durand, 1988, 1997, 1998; Mafesolli, 1998). Durand (1997, p. 212) especifica que o imaginário assenta num conjunto de imagens e de relações entre estas imagens sobre uma realidade, perenes ou transitórias, pensadas ou não conscientes, universais ou grupais. Juremir Machado da Silva (2017), por seu turno, enfatiza que o imaginário consiste num conjunto de sentidos dados pelos indivíduos a aspetos da realidade, que podem ter tanto de racional quanto de emotivo. Sendo os media, conforme salientou Silverstone (2002), instituições sociais produtoras, mediadoras e difusoras de significados, o imaginário coletivo e pessoal sobre o Brasil será, em grande medida, aquele que foi e é projetado pelas imagens que o discurso mediático constrói sobre o país, sobretudo entre aqueles que nunca vivenciaram o Brasil real.

## **Metodologia**

Tomando-se a ideia de “metodologia” pela conotação que lhe dá Ander-Egg (2011, p. 17), isto é, como sinónimo de uma estratégia dinâmica e flexível de articulação de ações que têm por fim alcançar uma meta, correspondendo, portanto, ao que se poderia designar por lógica processual de uma pesquisa científica, nesta investigação, de matriz hipotético-dedutiva, seguiu-se uma metodologia assente numa análise predominantemente qualitativa e extensiva do discurso verbal e visual das revistas *Ilustração Portuguesa* e *ABC* sobre o centenário da independência do Brasil. Os resultados foram hermenêuticamente interpretados desde um ponto de vista histórico e cultural, portanto, mais heurístico do que linguístico, tendo por



referente a conjuntura histórica do período selecionado (agosto a dezembro de 1922). Porém, não se ignoraram, nesta investigação, os contributos positivos que as técnicas quantitativas, intensivas, de análise de um discurso podem oferecer à solidez de uma pesquisa, já que oferecem possibilidades de dedução de conclusões a partir de dados (Scheufele, 2008b, pp. 972-978). Portanto, a abordagem do objeto neste estudo foi mista, qualitativa e quantitativa.

Encararam-se os discursos da *Ilustração Portuguesa* e da *ABC* sobre o centenário da independência do Brasil como um resultado com significado de ações humanas com significado realizadas num contexto em que os sujeitos partilham, pelo menos parcialmente, um campo comum de significação, constituindo, tal como aconselha Scheufele (2008a, p. 968), o entendimento desses significados em aberto o propósito desta pesquisa. Buscou-se, pois, indutiva e contextualmente, detetar “as estruturas de significado coerentes” (Scheufele, 2008a, p. 967) e os “padrões de significado” (Scheufele, 2008a, p. 969) que emanam das matérias sobre o centenário da independência do Brasil publicadas pela *Ilustração Portuguesa* e pela *ABC* no período estudado. Procurou-se, assim, ao longo da investigação, clarificar e compreender os pontos de vista, ou seja, os enquadramentos sobre a efeméride lançados por ambas as revistas entre agosto e dezembro de 1922, tendo por referente o que se sabe sobre contexto da época.

Inspirado pelas ideias de Tashakkori e Teddlie (2010), o estudo articulou a deteção e recolha de dados, numa primeira fase, com a análise dos dados, numa segunda fase. Para a deteção e recolha de dados procedeu-se à leitura de todos os números da *Ilustração Portuguesa* e da *ABC* publicados entre agosto e dezembro de 1922 (um total de 43 números publicados), dos quais se coletaram sistematicamente as matérias que se referissem às comemorações do centenário da independência do Brasil, *corpus* da investigação (um total de 44 peças). Seguidamente, recolheram-se exemplos discursivos, incluindo sequências discursivas verbais e exemplos iconográficos, suscetíveis de exemplificar as várias *nuances* da cobertura da efeméride e a maneira como esta cobertura evoluiu.

A análise dos dados, segunda fase da investigação, incidiu, primeiro, numa análise quantitativa do discurso<sup>5</sup>, também (mal) denominada análise de conteúdo<sup>6</sup>. Para esta análise quantitativa do discurso da *Ilustração Portuguesa* e da *ABC* sobre o centenário da independência do Brasil, agruparam-se as matérias em categorias definidas *a priori* (Wimmer e Dominick, 1996, pp. 174-191; Sousa, 2006, p. 345), de acordo com os géneros jornalísticos empregues nas peças cobrindo o centenário da independência do Brasil e os respetivos temas, para

5 A grafia utilizada pelas revistas *Ilustração Portuguesa* e *ABC* foi atualizada para o português pós-acordo ortográfico.

6 As denominações “análise quantitativa do discurso ou do conteúdo” e “análise qualitativa do discurso ou do conteúdo” são preferíveis à clássica distinção entre análise de conteúdo para o emprego de técnicas quantitativas e de análise do discurso para o emprego de técnicas qualitativas. Um conteúdo não é mais do que um discurso, ou uma parte deste, que tanto pode ser analisada quantitativa como qualitativamente.

posterior sistematização quantitativa dos resultados, em números absolutos e percentuais.

A segunda parte da análise consistiu numa análise qualitativa do discurso, desde uma perspectiva hermenêutica cultural não crítica, matizada pela compreensão interpretativa do discurso das revistas sobre a efeméride. A análise qualitativa do discurso incidiu nas sequências discursivas e nos exemplos iconográficos que mais nitidamente, na perspectiva intersubjetiva dos investigadores, pudessem traduzir os enquadramentos sobre o centenário da independência do Brasil propostos pelos autores — redatores, fotógrafos e outros produtores de iconografia — das matérias. Os exemplos colhidos (sequências discursivas verbais e elementos iconográficos) foram, seguidamente, interpretados desde um olhar hermenêutico e heurístico, valorativo da compreensão do que estava em causa no contexto histórico em que foram produzidos.

Interpretar e compreender, de acordo com Ricoeur (1987), Gadamer (1999) e Schleiermacher (*as cited in* Palmer, 1969), implica estudar: os signos usados pelo autor ou autores do discurso; os elementos do próprio discurso; o contexto em que o discurso foi produzido; e a ligação entre as partes constitutivas do discurso. Neste contexto, buscou-se, pois, compreender e interpretar os discursos da *Ilustração Portuguesa* e da *ABC* sobre o centenário da independência do Brasil procurando desvelar o significado que os produtores dos conteúdos das revistas poderão ter pretendido dar às mensagens que produziram, dentro do contexto da época, e os significados que estas mensagens poderão ter atualmente.

Combinou-se uma perspectiva descritiva dos conteúdos da *Ilustração Portuguesa* e da *ABC* sobre o centenário da independência brasileira com a interpretação qualitativa e heurística — por vezes também linguística — do discurso, tendo em conta o contexto sócio-histórico-cultural em que estes discursos foram produzidos e as implicações que poderão ter tido sobre o imaginário da época sobre o Brasil. Considerou-se que cada matéria publicada nas revistas ilustradas se relacionava, intertextualmente, com outras matérias no mesmo ou noutros suportes, e, contextualmente, com os padrões culturais que regem a interpretação do mundo, em cada momento histórico, por indivíduos ou por conjuntos de indivíduos que vivem num determinado espaço social, no qual existem referentes culturais partilhados.

Tiveram-se em consideração, na interpretação dos dados recolhidos, as ideias de Maidment (1996), autor que sustentou que as revistas ilustradas não são espelhos da realidade nem puras evidências da sociedade do seu tempo, ainda que sejam produtos socio-discursivos centrais à cultura coeva. Assim, o discurso dessas publicações deve ser analisado, segundo o autor, tendo em consideração o tema, a linguagem, o contexto político e o contexto sociocultural em que foram produzidas, bem como as articulações entre o verbal e o visual.

## Resultados e discussão

A leitura dos números publicados entre agosto e dezembro de 1922 das revistas *Ilustração Portuguesa* e *ABC* revela que foram publicadas sete peças (três da *Ilustração Portuguesa* e quatro da *ABC*) especificamente dedicadas ao centenário da independência do Brasil, de um total de 44 peças. Mas foram publicadas outras peças que são subsidiárias do tema, designadamente quinze peças (sete da *Ilustração Portuguesa* e oito da *ABC*) sobre a visita de Estado do Presidente da República, António José de Almeida, ao Brasil; doze peças sobre os aviadores portugueses Gago Coutinho e Sacadura Cabral no Brasil (sete da *Ilustração Portuguesa* e cinco da *ABC*); seis peças sobre a Exposição Internacional do Rio de Janeiro (três em cada revista); e ainda quatro sobre o Dia de Portugal na Exposição Internacional do Rio de Janeiro (duas em cada revista). É de referir que tanto a travessia aérea do Atlântico Sul como a Exposição Internacional do Rio de Janeiro foram realizadas para coincidirem com as celebrações do centenário da independência brasileira. As 44 peças consideradas para o *corpus* constam nas tabelas 1 e 2 (22 peças da *Ilustração Portuguesa*; 22 peças da *ABC*). Como podemos observar há um equilíbrio no número de peças em ambas as revistas.

**Tabela 1**

*Peças do corpus da revista Ilustração Portuguesa*

Data	Género	Peça
5 de agosto de 1922 (n.º 859)	Reportagem fotográfica	O “raid” Lisboa — Rio de Janeiro (pp. 131-132) Reportagem fotográfica sobre a receção dos aviadores portugueses Gago Coutinho e Sacadura Cabral no Brasil, após a conclusão da primeira travessia aérea do Atlântico Sul, no centenário da independência.
12 de agosto de 1922 (n.º 860)	Reportagem fotográfica	Raid aéreo ao Brasil (pp. 161-164) Reportagem fotográfica sobre a receção dos aviadores portugueses Gago Coutinho e Sacadura Cabral no Brasil, após a conclusão da primeira travessia aérea do Atlântico Sul, no centenário da independência.
19 de agosto de 1922 (n.º 861)	Crónica	Crónica (p. 169) Crónica sobre as comemorações do primeiro centenário da independência do Brasil, enfatizando a viagem do Presidente português, António José de Almeida, ao Brasil, e a publicação de um livro sobre a história da colonização portuguesa.
19 de agosto de 1922 (n.º 861)	Reportagem fotográfica	A travessia aérea do Atlântico (pp. 185-186) Reportagem fotográfica sobre homenagens aos aviadores portugueses Gago Coutinho e Sacadura Cabral, no Brasil, após a conclusão da primeira travessia aérea do Atlântico Sul, no âmbito das comemorações do centenário da independência.
26 de agosto de 1922 (n.º 862)	Reportagem fotográfica	A colónia brasileira e o chefe de Estado (p. 195) Receção do Presidente da República a representantes da comunidade brasileira em Portugal por ocasião da partida do chefe de Estado para o Brasil, no quadro das comemorações do centenário da independência brasileira.
2 de setembro de 1922 (n.º 863)	Reportagem fotográfica	A viagem presidencial ao Brasil (pp. 234-235) Relato da partida do Presidente da República, António José de Almeida, para uma visita de Estado ao Brasil, no quadro da celebração da independência brasileira.

<b>9 de setembro de 1922 (n.º 864)</b>	Reportagem fotográfica	A exposição do Rio de Janeiro (p. 246) Reportagem fotográfica sobre obras e catálogos destinados ao stand português na Exposição Internacional do Rio de Janeiro, certame integrado nas comemorações do centenário da independência do Brasil.
<b>9 de setembro de 1922 (n.º 864)</b>	Reportagem fotográfica	O embarque do chefe do Estado para o Brasil (p. 262) Reportagem fotográfica (continua a que foi publicada no dia 2 de setembro) sobre a partida do Presidente da República para o Brasil, onde se associaria às celebrações do centenário da independência.
<b>16 de setembro de 1922 (n.º 865)</b>	Reportagem fotográfica	As festas da independência do Brasil (pp. 267-268) Reportagem fotográfica sobre as celebrações do centenário da independência do Brasil neste país e em Portugal.
<b>23 de setembro de 1922 (n.º 866)</b>	Crónica	Crónica (p. 289) Crónica sobre a visita de estado do Presidente da República Portuguesa. António José de Almeida, ao Brasil, por ocasião da celebração do centenário da independência.
<b>14 de outubro de 1922 (n.º 869)</b>	Crónica	Crónica (p. 362) Crónica sobre o regresso do Presidente da República a Portugal, depois da visita de Estado ao Brasil, no quadro da celebração do centenário da independência brasileira.
<b>14 de outubro de 1922 (n.º 869)</b>	Reportagem fotográfica	O Sr. Dr. António José de Almeida no Brasil (pp. 372-374) Reportagem sobre a visita de Estado do Presidente da República Portuguesa ao Brasil. Complementa visualmente os apontamentos de reportagem diariamente publicados no Século, que enviou um jornalista redator e um fotojornalista para cobrir a viagem.
<b>21 de outubro de 1922 (n.º 870)</b>	Reportagem fotográfica	O Sr. Presidente da República no Brasil e a sua chegada a Lisboa (pp. 394-398) Reportagem fotográfica sobre a chegada do Presidente da República, António José de Almeida, a Lisboa, após a visita de Estado ao Brasil.
<b>28 de outubro de 1922 (n.º 871)</b>	Crónica	Crónica (p. 410) Crónica sobre o regresso dos aviadores Gago Coutinho e Sacadura Cabral a Portugal.
<b>04 de novembro de 1922 (n.º 872)</b>	Capa	O Beijo através dos oceanos Capa da Ilustração Portuguesa que faz alusão ao centenário de independência do Brasil
<b>04 de novembro de 1922 (n.º 872)</b>	Reportagem fotográfica	O fecho da epopeia (p. 442) Reportagem sobre a receção dos aviadores Gago Coutinho e Sacadura Cabral a Portugal.
<b>04 de novembro de 1922 (n.º 872)</b>	Crónica	A bordo do Porto — Notas de um companheiro de viagem dos aviadores (p. 443) Descreve detalhes da viagem de volta para Portugal dos aviadores portugueses.
<b>04 de novembro de 1922 (n.º 872)</b>	Reportagem fotográfica	O cortejo fluvial e o desembarque (p. 444 e 445)
<b>18 de novembro de 1922 (n.º 874)</b>	Fotolegenda	O Dia do Brasil: Comemoração do 15 de novembro em Portugal (p. 507) Fotolegenda sobre o cortejo cívico de homenagem ao Brasil organizado para a comemoração do Dia do Brasil em Lisboa.
<b>25 de novembro de 1922 (n.º 875)</b>	Reportagem fotográfica	O Dia do Brasil: ainda a manifestação do dia 15 de novembro, em Lisboa (pp. 540-541) Reportagem fotográfica sobre as comemorações do Dia do Brasil, em Lisboa. Cortejo cívico de homenagem ao Brasil.
<b>16 de dezembro de 1922 (n.º 878)</b>	Reportagem fotográfica	O Dia de Portugal, no Rio de Janeiro (p. 638) Reportagem fotográfica sobre a celebração do Dia de Portugal na Exposição Internacional do Rio de Janeiro, certame promovido no quadro das celebrações do centenário da independência do Brasil.
<b>30 de dezembro de 1922 (n.º 880)</b>	Fotolegenda	Exposição internacional do Rio de Janeiro (p. 697, segunda capa/capa interior) Fotolegenda sobre a inauguração do pavilhão de Portugal na Exposição Internacional do Rio de Janeiro, por ocasião da celebração do centenário da independência do Brasil.

Fonte: produção própria

**Tabela 2**  
*Peças do corpus da revista ABC*

<b>Data</b>	<b>Género</b>	<b>Peça</b>
<b>3 de agosto de 1922 (n.º 108)</b>	Fotolegenda	Aviadores portugueses no Rio de Janeiro (p.1)
<b>3 de agosto de 1922 (n.º 108)</b>	Crónica	Um escândalo artístico (pp. 2-3) Notícia sobre a rejeição das obras do artista português Martins Barata pelo júri para representar Portugal na Exposição do Rio de Janeiro, evento que fazia parte das comemorações no centenário da independência do Brasil.
<b>17 de agosto de 1922 (n.º 109)</b>	Crónica	O governo e o ABC (p.2) Notícia sobre o confisco da edição do dia 10 de agosto de 1922.
<b>17 de agosto de 1922 (n.º 109)</b>	Reportagem fotográfica	Ainda o Raid Lisboa — Rio de Janeiro (p.2)
<b>24 de agosto de 1922 (nº 110)</b>	Fotolegenda	Portugal-Brasil Relativo à partida do presidente da república portuguesa para o Brasil para festejar o cenário da independência.
<b>24 de agosto de 1922 (n.º 110)</b>	Crónica	Outras asas mais belas... (p. 6 e 7) Matéria relativa ao fascínio das mulheres brasileiras pelos pitos portugueses.
<b>24 de agosto de 1922 (n.º 110)</b>	Fotolegenda	A viagem presidencial ao Brasil (p. 8) O chefe de Estado em Belém ladeado de várias personalidades que foram desejar-lhe uma boa viagem ao Brasil.
<b>31 de agosto de 1922 (n.º 111)</b>	Reportagem fotográfica	A viagem presidencial ao Brasil (p.21) A chegada do presidente da república ao navio que o levaria ao Brasil
<b>31 de agosto de 1922 (n.º 111)</b>	Crónica	A viagem presidencial ao Brasil (p. 4, 5 e 8) A peça fala sobre a longa espera do Presidente da República à bordo do navio “Porto” antes de partir para o Brasil, devido a falhas mecânicas.
<b>9 de setembro de 1922 (nº111)</b>	Crónica	O centenário da independência do Brasil (p. 12 e 13) A ABC apresenta uma abordagem crítica em relação à emancipação do Brasil elencando uma série de marcadores históricos que fizeram culminar na independência do Brasil.
<b>14 de setembro de 1922 (nº 113)</b>	Reportagem fotográfica	(Sem título) (p. 1) Personalidades no palácio da Embaixada do Brasil, por ocasião da festa do Centenário da Independência do Brasil
<b>14 de setembro de 1922 (nº 113)</b>	Reportagem fotográfica	Actualidades (p. 8) Várias personalidades incluindo o cônsul do Brasil recebendo os cumprimentos da colónia brasileira.
<b>14 de setembro de 1922 (nº 113)</b>	Crónica	Os desastres da Exposição Portuguesa do Rio de Janeiro (p.9) Crítica o modo como foi organizada e conduzida a presença de Portugal na exposição
<b>14 de setembro de 1922 (nº 113)</b>	Crónica	No Centenário da Independência do Brasil (12 e 13) A matéria fala do simbolismo do centenário de independência do Brasil e explica aos seus leitores como se deu o acontecimento histórico.
<b>5 de outubro de 1922 (nº 116)</b>	Crónica	A Bicha para o Brasil (p. 5) A matéria critica a ida de vários artistas portugueses para a Exposição do Rio de Janeiro
<b>12 de outubro de 1922 (nº 117)</b>	Reportagem fotográfica	A viagem presidencial ao Rio de Janeiro (p. 5) O cortejo na Avenida Rio Branco — Após o desembarque na Praia do Flamengo
<b>19 de outubro de 1922 (nº 118)</b>	Crónica	A viagem presidencial ao Brasil (p. 4, 20, 21 e 24) Relata toda a viagem de ida e volta, assim como a estadia presidencial ao Rio de Janeiro
<b>19 de outubro de 1922 (nº 118)</b>	Reportagem fotográfica	Actualidades — A viagem presidencial (p. 5) Imagens com legendas sobre o discurso do presidente da República Portuguesa no Congresso brasileiro assim como um banquete oferecido em sua homenagem.

<b>26 de outubro de 1922 (nº 119)</b>	Reportagem fotográfica	A viagem presidencial (p. 7) O Presidente Português à saída do Congresso Brasileiro e uma multidão na Praça da Independência ouvindo o discurso de saudação do presidente António José de Almeida
<b>2 de novembro de 1922 (nº 120)</b>	Reportagem fotográfica	A chegada dos aviadores (p. 5) Os aviadores portugueses a bordo do navio “Porto” e do rio Tejo onde foram recebidos por um cortejo de embarcações
<b>23 de novembro de 1922 (nº 123)</b>	Fotolegenda	O dia do Brasil (p. 1) Momento em que Gago Coutinho e Sacadura Cabral dirigem-se à Embaixada do Brasil para entregar uma mensagem de Portugal aos brasileiros
<b>23 de novembro de 1922 (nº 123)</b>	Reportagem fotográfica	O dia do Brasil (p. 5) O presidente da República portuguesa nas festas do Dia do Brasil em Portugal junto à Embaixada do Brasil em Lisboa

Fonte: produção própria

Das 44 peças consideradas para o corpus, 23 são identificadas como reportagens fotográficas (52%), 14 são crónicas (32%) e seis fotolegendas (14%) (cf. gráfico 1), o que está de acordo com as linhas editoriais da *Ilustração Portuguesa* e da *ABC* que favoreciam a imagem em relação ao texto. Consideraram-se por reportagens fotográficas, na linha de Sousa (2004b), as matérias jornalísticas constituídas por texto-verbal e imagens fotográficas que, privilegiando as fotografias com valor informativo, procuram situar, documentar, caracterizar e mostrar com certa exaustividade o desenvolvimento de um acontecimento singular da realidade material; por fotolegendas, tomaram-se as peças jornalísticas constituídas por uma fotografia e um pequeno texto que, como legenda, orienta a leitura da imagem, complementa-a e ainda pode chamar a atenção para as suas particularidades visuais (Sousa, 2005); por crónicas jornalísticas, consideraram-se as peças publicadas com periodicidade regular num órgão jornalístico, assinadas por um cronista, que nelas lança um olhar pessoal sobre assuntos relevantes da atualidade (Sousa, 2005).

**Tabela 3**

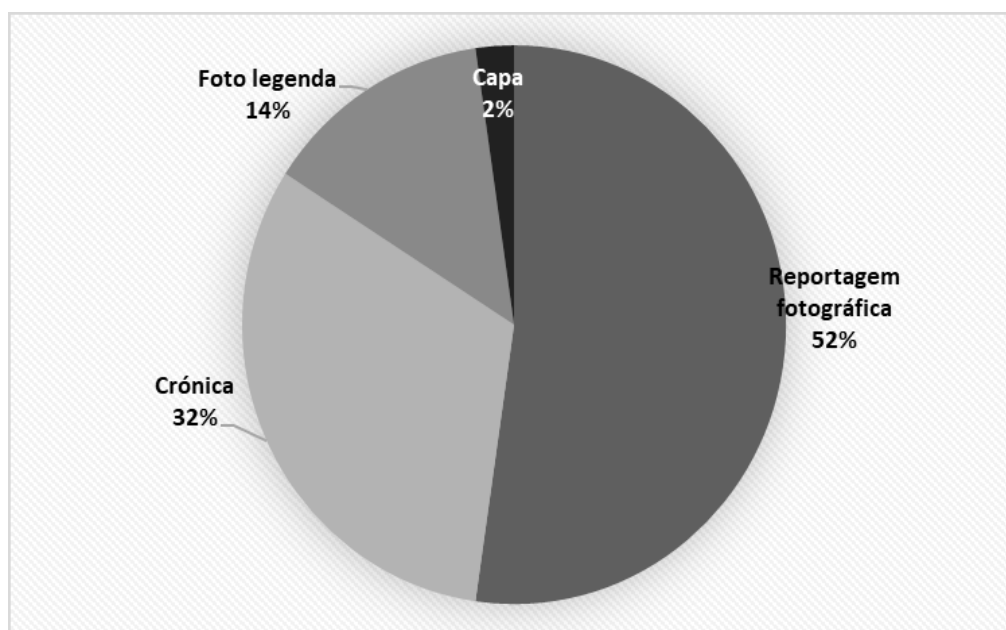
*Peças do corpus por género jornalístico — Ilustração Portuguesa e ABC (N=44)*

	<b>IP</b>		<b>ABC</b>	
<b>Género jornalístico</b>	Nº	%	Nº	%
<b>Reportagem fotográfica</b>	14	64%	9	41%
<b>Crónica</b>	5	23%	9	41%
<b>Foto legenda</b>	2	9%	4	18%
<b>Capa</b>	1	5%	0	0%
<b>Total</b>	22	100%	22	100%

Fonte: elaboração própria

**Gráfico 1**

*Peças do corpus por género jornalístico — Ilustração Portuguesa e ABC (N=44)*



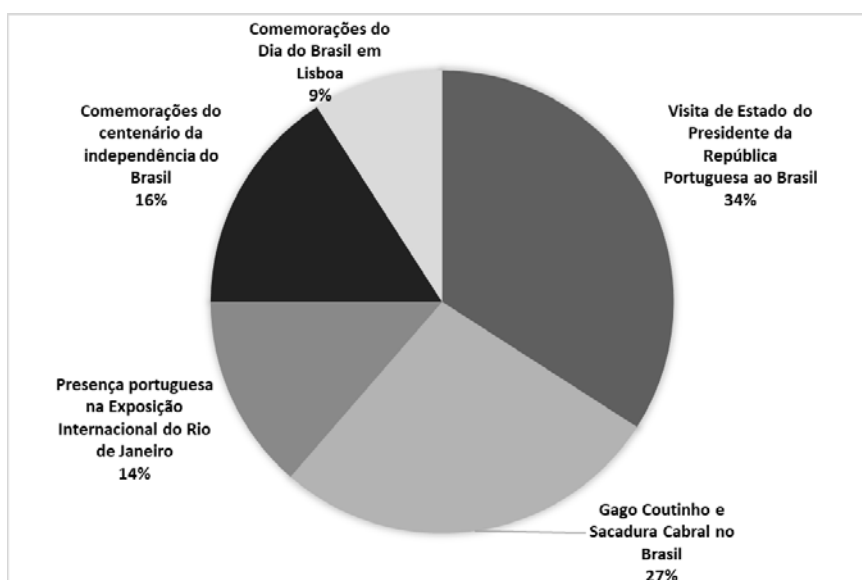
Fonte: elaboração própria

O domínio das reportagens fotográficas, fotolegendas e crónicas, com exclusão de quaisquer outros géneros jornalísticos, deve-se à natureza e a periodicidade semanal da *Ilustração Portuguesa* e da *ABC*. Sendo duas revistas ilustradas, o potencial de cobertura visual dos assuntos era critério de noticiabilidade. Logo, não é uma surpresa que as reportagens fotográficas e as fotolegendas estivessem entre os três géneros jornalísticos abordados. A maioria das peças que direta ou indiretamente remetem para as celebrações do centenário da independência do Brasil referem-se, efetivamente, a assuntos que puderam ser cobertos privilegiando as fotografias. Por outro lado, o recurso às crónicas — normalmente, uma por semana — permitia às revistas fazer resumos e balanços semanais da atualidade, no âmbito dos quais foi referenciado o centenário da independência do Brasil. A tabela 4 e o gráfico 2 tipificam as matérias por categorias temáticas.

**Tabela 4***Matérias por categoria temática — Ilustração Portuguesa e ABC (N=44)*

Tema central	IP		ABC	
	Nº	%	Nº	%
<b>Visita de Estado do Presidente da República Portuguesa ao Brasil</b>	7	32%	8	36%
<b>Gago Coutinho e Sacadura Cabral no Brasil</b>	7	32%	5	23%
<b>Presença portuguesa na Exposição Internacional do Rio de Janeiro</b>	3	14%	3	14%
<b>Comemorações do centenário da independência do Brasil</b>	3	14%	4	18%
<b>Comemorações do Dia do Brasil em Lisboa</b>	2	9%	2	9%
<b>Total</b>	22	100%	22	100%

Fonte: elaboração própria

**Gráfico 2***Total de matérias por categoria temática — Ilustração Portuguesa e ABC (N=44)*

Fonte: elaboração própria

A observação conjunta das tabelas 3 e 4 e do gráfico 2 tornam notórios que a cobertura do centenário da independência do Brasil se fez em relação a Portugal. Somente sete peças tiveram por objeto o centenário da independência em si mesmo, uma efeméride que, correspondendo a vários critérios de noticiabilidade (relevância do país, proximidade com Portugal, ser um cabide para notícias alusivas), foi agendada e se tornou notícia. Todas as outras matérias dizem, na verdade, respeito a Portugal na sua relação com o Brasil: a travessia aérea do Atlântico Sul protagonizada por Gago Coutinho e Sacadura Cabral, elevados à condição de heróis nacionais, notícia pelo carácter concreto e singular, atual, próximo, épico, surpreendente e heroico do acontecimento e pela notoriedade que adquiriram os seus intérpretes, bem como



pelo potencial de cobertura fotográfica; a visita de Estado do Presidente da República ao Brasil para se associar à celebração da independência, notícia porque significava para Portugal uma aliança com um grande país que falava a mesma língua (relevância), mas também pela proximidade, notoriedade dos envolvidos e dos países, singularidade, novidade, e por ser, afinal, uma ocasião de Estado, fabricada (também) para se tornar notícia e de fácil cobertura fotográfica; a presença portuguesa na Exposição Internacional do Rio de Janeiro, notícia pela atualidade, novidade, proximidade, singularidade, relevância do Brasil para Portugal e potencial de cobertura fotográfica; e finalmente as celebrações do Dia do Brasil em Lisboa, notícia por reunir qualidades semelhantes às anteriores.

Das tabelas 5 e 6 constam sequências discursivas verbais, extraídas das matérias referidas na tabela 1 e 2, que contribuem para enquadrar o tema das relações entre o Brasil e Portugal após cem anos de independência do Estado Brasileiro. A partir dessas sequências também se pode deduzir quais eram, em 1922, alguns dos traços do Brasil imaginado pelos portugueses.

**Tabela 5**  
*Sequências discursivas de enquadramento da Ilustração Portuguesa*

<b>Data</b>	<b>Peça</b>	<b>Sequências discursivas de enquadramento</b>
<b>5 de agosto de 1922 (n.º 859)</b>	O “raid” Lisboa — Rio de Janeiro (pp. 130-131)	Não arrefece o entusiasmo dos nossos irmãos brasileiros para com os nossos aviadores, que continuam a receber (...) provas de simpatia que (...) redundam em prol do seu país. (...) Gago Coutinho e Sacadura Cabral (...) encarnam (...) as nossas aspirações (...) que é ver Portugal e Brasil unidos num indissolúvel amplexo de confraternização (...), (...) o da travessia aérea do Atlântico para abraçar um povo irmão.
<b>12 de agosto de 1922 (n.º 860)</b>	Raid aéreo ao Brasil (pp. 161-164)	Continuamos a registar (...) para a história da navegação aérea e do estreitamento das nossas relações com o Brasil as fotografias mais interessantes que recebemos da estada dos nossos gloriosos aviadores entre aquele povo generoso, nosso irmão (...). Não tarda que as festas da comemoração da sua independência lhe levem um grande número de bons portugueses, a começar pelo magistrado supremo da nação (...), porque (...) abriu-se para os dois povos uma fase de convivência afetuosa e de relações comerciais, como dificilmente se encontrarão entre outros.
<b>19 de agosto de 1922 (n.º 861)</b>	Crónica (p. 169)	Ao celebrar (...) o primeiro centenário da sua independência política, o Brasil honrou Portugal com a mais penhorante demonstração de amizade e apreço (...): o convite (...) ao Sr. Presidente da República para assistir às festas comemorativas. (...) A presença do chefe da nação portuguesa (...) reveste (...) um significado (...). A glória fulgente do Brasil é, de algum modo, a imarcescível glória de Portugal. O facto da independência, quer dizer da emancipação ou da maioridade da grande pátria sul-americana constitui hoje para nós um dos maiores títulos de orgulho como povo colonizador (...), um pequeno povo [que] quis e pôde “devassar, dominar, povoar, colonizar um território semi-virgem, palmilhado por tribos rarefeitas e erráticas (...), criando no espaço de três séculos um dos maiores impérios da terra, transfundindo-lhe a língua, a religião e as instituições jurídicas, insuflando-lhe uma consciência de nacionalidade” (...). O Sr. Dr. António José de Almeida (...) terá a acolhê-lo no Brasil a unanimidade das simpatias e do respeito de brasileiros e portugueses (...). A confraternização dos dois povos (...) traduzirá mais uma vez a sinceridade desse afeto mútuo (...).

<b>2 de setembro de 1922 (n.º 863)</b>	A viagem presidencial ao Brasil (pp. 234-235)	O Sr. Dr. António José de Almeida partiu a visitar Terras de Santa Cruz. Não é um facto simples este, mas antes da mais alta significação. O Brasil é um grande país moço e rico onde se fala a mesma língua, se professa a mesma religião, se sente da mesma maneira que neste nosso Portugal. O Brasil é apenas um Portugal mais exuberante, um Portugal maior. (...) Os velhos laços que nos ligam (...) apertar-se-ão ainda mais (...).
<b>16 de setembro de 1922 (n.º 865)</b>	As festas da independência do Brasil (pp. 267-268)	O grande acontecimento deste mês (...) foi constituído pelas festas do centenário da independência do Brasil, no dia 7 de setembro. São verdadeiramente assombrosos os progressos realizados (...) pela grande nação irmã (...). As suas conquistas, os seus (...) progressos, é como se nossos fossem. Se eles sofrem (...), nós sentimos tudo o que eles sentem. É o mesmo sangue, é a mesma raça.
<b>23 de setembro de 1922 (n.º 866)</b>	Crónica (p. 289)	A viagem do (...) Presidente da República ao Brasil foi (...) triunfal (...) [e] deve exercer perduráveis efeitos nas relações entre os dois países, iguais na língua, iguais no sentimento, iguais na civilização e nos costumes. (...) O Brasil é Portugal na América como Portugal é o Brasil na Europa. (...) Todavia, (...) é necessário que, paralelo com este sentimento de amor, corra a noção de que (...) os povos se unem pelo interesse. É preciso que sejamos úteis ao Brasil, de que não conhecemos mais do que o nome. O brasileiro conhece bem o português (...). Todo o Brasil é uma apoteose de Portugal. Em compensação, em Portugal pouco se conhece do Brasil. (...) [Que] A viagem do (...) Presidente da República (...) seja o início da necessária “entente” (...). Porque esse movimento (...) tornaria Portugal maior e o Brasil mais amado.
<b>14 de outubro de 1922 (n.º 869)</b>	Crónica (p. 362)	Um homem como o Sr. Presidente da República (...) curvou-se como um crente sobre o chão sagrado dessa segunda pátria (...) cheia de magnificências naturais que fazem o nosso pasmo, de progressos que constituem o nosso orgulho e de tradições que são a nossa glória. (...) António José de Almeida no Brasil encontrou amor, saudade, patriotismo e verificou esta fulgentíssima verdade: que Portugal e Brasil o mesmo são, que tão grande é a raça que nem o Oceano a interrompe. (...) Deve, pois, o Sr. Presidente (...) intimar (...) a que o velho Portugal imite o moço país (...). A viagem do Sr. Presidente da República, além da significação diplomática e económica (...), teve também um alto significado afetivo. Ela foi congregar portugueses com portugueses, ela foi unir mais os elos da grande cadeia que une a nossa terra à grande terra brasileira (...).
<b>21 de outubro de 1922 (n.º 870)</b>	O Sr. Presidente da República no Brasil e sua chegada a Lisboa (pp. 394-398)	Nos dez dias (...) em que o Presidente da República Portuguesa permaneceu no Rio de Janeiro sucederam-se e multiplicaram-se as manifestações em sua honra (...) dos que, de vários pontos do Brasil, acorreram a saudá-lo (...). Os próprios atos protocolares revestiram um aspeto de cordialidade que raro se regista em cerimónias semelhantes, demonstrando (...) a comunhão de afetos que liga os dois países identificados pela raça, pelas instituições e pela língua que é o orgulho de ambos. (...) Às homenagens dos que falam português juntaram-se as dos povos da América do Sul, os descendentes da outra imortal família de colonizadores que compartilharam connosco da missão de civilizar o novo mundo (...).
<b>28 de outubro de 1922 (n.º 871)</b>	Crónica (p. 410)	Portugal e Brasil reconheceram-se mais do que nunca irmãos, presos no abraço em que os envolveu, estreitou e confundiu, sob o signo vermelho e sagrado das descobertas, a asa branca do milagre.
<b>04 de novembro de 1922 (n.º 872)</b>	O fecho da epopeia (p.442)	Tem, a “ <i>Ilustração Portuguesa</i> ”, celebrado incessantemente, nas suas páginas, o alto feito aeronáutico que conferiu a Portugal a premissa da travessia aérea do Atlântico sul, irmanando os que levaram a cabo em condições tão gloriosas — até no que tiveram, por vezes, de trágicas! — a ess’outros heróis que outrora, tanto honraram e ilustraram o nome português.

<b>04 de novembro de 1922 (n.º 872)</b>	A bordo do Porto — Notas de um companheiro de viagem dos aviadores (p. 443)	Como todos os grandes homens, Gago e Sacadura são de uma afabilidade extraordinária. Convivem, a bordo, com toda a gente, mantendo, principalmente Gago Coutinho, um inalterável bom humor (...). As noites passam-nas, os dois, fazendo interessantes sortes de prestigitação [sic], que muito divertem os outros passageiros: Gago Coutinho, com cartas de jogar; Sacadura, com lenços e outros objetos” ( <i>Ilustração Portuguesa</i> , 28 de outubro, p. 443).
---	---	---

Fonte: elaboração própria

**Tabela 6**

*Sequências discursivas de enquadramento da ABC*

<b>Data</b>	<b>Peça</b>	<b>Sequências discursivas de enquadramento</b>
<b>3 de agosto de 1922 (n.º 108)</b>	Um escândalo artístico (pp. 2-3)	Martins Barata é um artista que os nossos leitores já conhecem, das páginas do <i>ABC</i> que o seu lápis elegante e moderno tem ilustrado tantas vezes. Hoje dir-lhe-emos — é porque as intimidades dos artistas interessam sempre o público (...). Contra todas as espetativas, contra todas as resoluções lógicas e admissíveis, o júri da exposição do Rio de Janeiro, onde aliás não há um único especialista de aguarela, rejeitou os trabalhos deste novo, apurando obras de mérito inferioríssimas, recusadas até já nos nossos pobres certames nacionais, e que, decerto, no Brasil, vão prestar ao prestígio e à dignidade nacional um péssimo serviço (...). Ex. mº Júri da Admissão dos trabalhos a enviar à Exposição do Rio de Janeiro: Os abaixo assinados, artistas plásticos, veem respeitosamente apresentar a V. Ex. <sup>a</sup> o seu vivo protesto contra a orientação seguida por esse Júri.
<b>17 de agosto de 1922 (n.º 109)</b>	O Governo e o <i>ABC</i>	A apreensão do <i>ABC</i> é um facto só explicável numa questão pessoal ou numa má vontade. A autoridade não nos notificou, não nos disse a razão por que assaltou a nossa casa e nos levou uma edição da revista. Ficamos a meditar se o governo quereria ocultar como no Brasil o embaixador da república portuguesa surge delicadamente em cerimónias dedicadas aos nossos aviadores em instituições onde aparecem os grandes retratos de D. Carlos e D. Manuel, fazendo assim a conciliação na colónia ou se alguém do gabinete, porque estranhas combinações ou interesses o movam pretendeu apagar a página onde verberávamos o aumento do preço do pão. Cousa alguma sabemos a não ser que nos desfalcaram na nossa fazenda prejudicando-nos e aos leitores. (...) Uma revista do seu tempo, eclética e crítica na qual, por mais mordaz que tenha sido, nenhum governo, a não ser o atual, se atreveu a tocar. Continuará entre aplausos do público, o seu grande papel na vida nacional e o seu diretor não deixando de a conduzir no seu trilho de sempre.
<b>24 de agosto de 1922 (n.º 110)</b>	Outras asas mais belas... (p. 6 e 7)	Outras asas... Gago Coutinho e Sacadura Cabral, os dois heróis máximo da raça que têm encontrado nos olhos das mulheres da outra pátria de Além-Oceano, a recompensa de toda a sua bravura, das horas de incerteza sumidas sob as águas do Oceano, daquelas horas sem fim, o céu longo e azul, o mar todo azul (...) As mulheres sentimentais, românticas, os olhos em concha, os olhos voltados para dentro (...). Durante alguns meses, nunca o céu brasileiro foi tão procurado — os rostos e os olhos das mulheres olham desconfiadamente o espaço. (...) As mulheres brasileiras, as cariocas, as de toda a parte, tem erguido os seus braços, nas suas asas de sonho, asas mais belas, os dois vencedores de espaço.

<b>31 de agosto de 1922 (n.º 111)</b>	A viagem presidencial ao Brasil (p. 4, 5 e 8)	ABC marcando o facto que produziu um péssimo efeito, é dos jornais que deseja surja proficua a ação desta viagem ao Brasil porque acima de tudo é pela sua pátria e, porque assim o bem deseja marcar, condena desde já e reclama um inquérito para os culpados desse estágio do mais alto representante de nação no Tejo, dentro dum barco parado (...) Não chega do fundo do navio um único ruído do trabalho enorme que lá se faz nessas quentes e negras profundezas onde se pretende dar vida a máquinas inertes. Lá em cima a charanga da marinha vai tocando um fado dolente, fado bem nacional, os convivas entorpecem-se diante das chávénas e o presidente, tomado da ideia que o “Porto” vai largar, não quer dormir, sonha só na partida, detém-se à espera que o navio arranque. Tem-no enganado sempre, continuam a enganá-lo, aquela estada ali é uma tortura. O fado continua
<b>9 de setembro de 1922 (nº111)</b>	O centenário da independência do Brasil (p. 12 e 13)	O dia 7 de setembro marca na história do Brasil uma grande data. É a da emancipação, é a do desligamento da metrópole, o final duma prisão secular (...). D. João VI acolhido ao Brasil à quietação e ao bem-estar (...). Os tiros dos fuzilamentos ecoavam no Rio de Janeiro e D. João VI sentiu que as belezas da paisagem, as cores ardentes dos céus, o seu sossego começava a sumir-se ante aqueles novelos de pólvora (...). Na colónia seguia-se o seu exemplo: as lojas secretas trabalhavam e era já de liberdade completa que se falava, da vida livre que se tratava, de criar uma pátria a sair da alma brasileira que se enchia os espíritos (...).
<b>14 de setembro de 1922 (nº 113)</b>	Os desastres da Exposição Portuguesa do Rio de Janeiro (p.9)	A queda da torre do pavilhão português na Exposição do Rio de Janeiro veio trazer à clara luz da crítica toda a série de desleixos imperdoáveis de que foi constituída essa iniciativa que devia honrar Portugal aos olhos dos seus irmãos de além-mar. (...) Toda a série de desleixos imperdoáveis. Não presidiu a essa obra um são critério; uma enorme falta de imaginação se notou em toda essa obra. O que seria uma ideia magnífica como monumento de raça, findou miseravelmente. (...) quando seria necessário enviar um pintor, um desenhador, um arquiteto, e temos imensos que não ganham 20\$000 réis por dia, mandou-se um barbeiro — que pode ser hábil no seu ofício, mas é ignorante no resto — com mais de 200\$000 réis ao câmbio.
<b>14 de setembro de 1922 (nº 113)</b>	O centenário da independência do Brasil (p. 12 e 13)	O centenário da independência do Brasil faz aflorar uma série de evocações que apesar da mudança de regime em grande parte devem ser-lhe gratas porque mostram que tem tradições, razões, bases, a história a chancelar o seu passado de uma maneira interessantíssima. Tempo depois abdicava mas não deixavam de reconhecer a sua obra de salvação da homogeneidade do Brasil aqueles que lhe adotavam o filho e o coroavam imperador garantindo assim uma ação conjunta e fortalecedora entre as diversas províncias com que se solidificou a nação hoje triunfal e magnífica” (ABC, 14 de setembro de 1922, p. 12).
<b>5 de outubro de 1922 (nº 116)</b>	A bicha para o Rio de Janeiro (p. 5)	É curiosíssimo que vivendo nós num país onde não é possível a qualquer cidadão sair as portas da cidade sem figurar no “carnet mondain” tão ocultamente tivessem ido até ao Guanabara tais cómicos, bailarinas e cantores (chanteurs?) sem que o próprio comissário geral da exposição se pudesse opor pois parece ter ele sido obrigado a conduzir no seu barco todos aqueles pupilos do governo pagos com o dinheiro da nação. (...) Os cómicos, naturalmente desempregados, nada teriam que fazer no Brasil e ser-lhes-ia fácil em Lisboa arranjar um lugar no parlamento; para os coros das galerias poderiam ir os cantores, os músicos estão sempre empregados sobre tudo desde que se trate de instrumentos de pancadaria e as bailarinas topam sempre vaga um coração de senador ou de ministro sobretudo depois do aumento dos ordenados a estes profissionais da política que não embarcam antes mandam os outros ir nos botes

<b>19 de outubro de 1922 (nº 118)</b>	A viagem presidencial ao Brasil (p. 4, 20, 21 e 24)	No maravilhoso porto do Rio de Janeiro, aguardavam-nos outros cruzadores brasileiros, e de outras nações, e dezenas doutros barcos, lanchas, etc., salvando uns, apitando outros, enquanto na esplendida cidade, os cais e os montes apinhados de gente; repicando festivamente os sinos das igrejas! O cortejo do arsenal da marinha ao palácio de Guanabara, foi uma verdadeira apoteose à Raça, assim como todas as seguintes festas e cerimônias. A figura do Presidente, a sua palavra admirável, quer na sessão do Congresso, que produziu a mais profunda e entusiástica sensação e lhe trouxe a exuberante simpatia de todos os brasileiros e portugueses do Brasil. (...) A descrição das festas oferecidas ao sr. Presidente e a sua comitiva, pelo Brasil, a hospitalidade que lhes ofereceu no belíssimo Palácio Guanabara, e aos jornalistas no grande hotel Glória, a festa da embaixada portuguesa, e o baile oferecido pelo Presidente da República Portuguesa, no palácio Guanabara, onde estiveram mais de seis mil pessoas, o patriotismo, a dedicação e a gentileza da colônia portuguesa, foram acontecimentos sobre os quais eu desejaria publicar largas crônicas: infelizmente é impossível.
---------------------------------------	---	--

Fonte: elaboração própria

As imagens 1 e 2 da *Ilustração Portuguesa* acompanham a peça intitulado “O RAID Lisboa — Rio de Janeiro” escrita em duas páginas e composta por um total de seis grandes fotografias. A matéria fala da travessia do Atlântico pelos pilotos portugueses Gago Coutinho e Sacadura Cabral, uma aventura aérea descrita como “formidável impulso de coragem e na mais segura conquista da aeronáutica” (*Ilustração Portuguesa*, 5 de agosto de 1922, p.131) e que fazia parte das comemorações do centenário da independência do Brasil que teria lugar dentro de um mês. A primeira referência na *ABC* à travessia do Atlântico pelos pilotos portugueses é também feita logo no início de agosto. A revista traz em sua primeira página uma foto dos pilotos no Rio de Janeiro sendo condecorados na Beneficência Portuguesa com as insígnias de sócios beneméritos pela embaixada de Portugal (figura 3), uma notícia que não foi tratada pela *Ilustração Portuguesa*.

A primeira travessia aérea do Atlântico inicia-se em Lisboa em 30 de março de 1922 em um hidroavião batizado de Lusitânia. A viagem de mais de 8.000 quilómetros teve um tempo de voo de apenas sessenta e duas horas e vinte e seis minutos, mas durou 79 dias. A demora justifica-se pelas diversas paradas em resultado de contratempos que os pilotos enfrentaram nessa aventura que incluiu mar revolto, panes e reparos mecânicos e até mesmo o facto de terem permanecido nove horas como náufragos até serem resgatados pelo *Paris City*, um navio inglês que passava pela região. Como podemos observar a partir das tabelas 5 e 6, enquanto a *ABC* nada menciona, esses detalhes menos afortunados são discretamente repercutidos nas páginas da *Ilustração Portuguesa*, que os desvaloriza: “O Lusitânia caiu, no caminho, como uma grande águia ferida pela fatalidade. Que importa? O heroísmo estoico das asas lusíadas continua levantando alto, como um troféu de estrelas e de bandeiras azuis” (*Ilustração Portuguesa*, 13 de maio de 1922, p. 448). O entusiasmo é guardado para o dia da chegada ao Rio de Janeiro mostrado da edição do dia 24 de junho da IP, quando a imagem dos pilotos ilustra a capa da revista e traz os seguintes títulos: “A vitória das asas”, “O vôo épico” “Aclamações populares

da chegada dos heróis ao Brasil” (*Ilustração Portuguesa*, 24 de junho de 1922, pp. 585-590).

A travessia do Atlântico pelos pilotos portugueses seria assunto na *Ilustração Portuguesa* e na *ABC* em várias edições, preservando sempre o tom heroico do acontecimento. Ambas as publicações utilizam a mesma linha de relato assim como o mesmo género de fotografias: ora protocolares com os homens ilustres da sociedade portuguesa e brasileira, ora multidões nas ruas a homenagearem os aviadores portugueses no Brasil. No retrato coletivo da figura 1, as honras concedidas a Gago Coutinho e Sacadura Cabral misturam-se, ao mesmo tempo, o reconhecimento pessoal dos aviadores e de Portugal como país amigo. Embora a esposa de Hermes da Fonseca, presidente do Brasil entre 1910 e 1914, ocupe, por cortesia, a posição central da fotografia, ladeiam-na os dois aviadores que, simbolicamente, representam Portugal. Hermes da Fonseca, também presente, à esquerda, e o almirante brasileiro Silvado, à direita, são os restantes personagens principais de uma fotografia formal e típica da representação de acontecimentos oficiais da época. Outros militares e suas esposas, como figurantes da homenagem, dão ao instante o pano de fundo contextual e difuso do qual emergem predominantemente as personagens principais, em primeiro plano.

A figura 2 sugere, mais uma vez, a ideia de confraternidade entre Portugal e Brasil já que evoca a presença de portugueses no Rio de Janeiro. A bandeira de Portugal, símbolo do país, ainda que colocada em plano de fundo, domina a imagem. As moças trajadas à moda do Minho reforçam os vestígios de portugalidade no Brasil, fortalecida pela presença dos homenageados Gago Coutinho e Sacadura Cabral. Como verificaremos ao longo deste trabalho, apesar da *Ilustração Portuguesa* e da *ABC* falarem do Brasil, o tema central volta-se para Portugal. Assim, nota-se que não obstante as matérias relatarem um acontecimento que esteja ligado ao centenário da independência do Brasil, esse facto não é mencionado, o destaque é dado quase que exclusivamente aos pilotos Portugueses: “Não arrefece o entusiasmo dos nossos irmãos brasileiros para com os nossos aviadores, que continuam a receber (...) provas de simpatia que (...) redundam em prol do seu país” (*Ilustração Portuguesa*, 5 de agosto de 1922, p. 130).



**Figura 1**  
Gago Coutinho e Sacadura Cabral ladeiam a esposa do marechal Hermes da Fonseca numa receção no Clube Militar do Rio de Janeiro. Fonte: *Ilustração Portuguesa*, n.º 859, 5 de agosto de 1922, p. 130





**Figura 2**  
Gago Coutinho e Sacadura Cabral  
no Orfeão Clube Português. Fonte:  
*Ilustração Portuguesa*, n.º 859, 5 de  
agosto de 1922, p. 130



**Figura 3**  
Gago Coutinho e Sacadura Cabral  
na Beneficência Portuguesa no Rio  
de Janeiro. Fonte: *ABC*, n.º 108, 3 de  
agosto de 1922, p. 1

O fascínio das mulheres brasileiras pelos mais novos heróis portugueses recebeu atenção da *ABC*. Nesta abordagem pitoresca, a mulher brasileira, estereótipo de beleza e sensualidade que remonta à época do descobrimento do Brasil (Pontes, 2004) curva-se ao heroísmo dos pilotos portugueses. É Augusto D'esaguy quem assina a peça denominada “Outras asas mais belas...” e chama os pilotos de “heróis máximo da raça” que têm encontrado “nos olhos das mulheres da outra pátria de Além-Oceano, a recompensa de toda a sua bravura, das horas de incerteza sumidas sob as águas do Oceano” (*ABC*, nº110, 24 de agosto de 1922, p. 6).

Na edição do dia 12 de agosto da *Ilustração Portuguesa*, (figura 4), e em 17 de agosto na *ABC* (figura 5) uma multidão recebe Gago Coutinho e Sacadura Cabral. Apesar das imagens que ambas as revistas publicam sobre os aviadores no Brasil serem semelhantes, para a *Ilustração Portuguesa*, eles seriam um dos exemplos da “regeneração da raça” que alimentava a ideologia republicana, celebra-se, pois, nas homenagens de que foram alvo no Brasil, essencialmente um Portugal revigorado pela República. Enquanto a *Ilustração Portuguesa* faz uma abordagem altamente elogiosa e em total alinhamento com o Governo Português daquilo que acontecia no Brasil, a *ABC* escolhia outro ponto de vista ao, supostamente, fazer menção à monarquia portuguesa (cf. tablas 5 e 6). Essa edição, curiosamente, que sairia na segunda semana de agosto, não é publicada. A revista foi apreendida e impedida de circular por ordem do Governo e as possíveis duas razões são explicadas na semana a seguir, em 17 de agosto de 1922:

A apreensão do *ABC* é um facto só explicável numa questão pessoal ou numa má vontade. A autoridade não nos notificou, não nos disse a razão por que assaltou a nossa casa e nos levou uma edição da revista. Ficamos a meditar se o Governo queria ocultar como no Brasil o embaixador da República Portuguesa surge delicadamente em cerimónias dedicadas aos nossos aviadores em instituições onde aparecem os grandes retratos de D. Carlos e D. Manuel, fazendo assim a conciliação na colónia ou se alguém do gabinete, porque estranhas combinações ou interesses o movam pretendeu apagar a página onde verberávamos o aumento do preço do pão. Causa alguma sabemos a não ser que nos desfalcaram na nossa fazenda prejudicando-nos e aos leitores (*ABC*, 17 de agosto de 1922, p. 2).

Podemos observar que a *ABC* se diferencia claramente da *Ilustração Portuguesa* na posição política defendida, em grande medida, por influência do diretor, Rocha Martins. Francisco José da Rocha Martins nasceu em Lisboa (1879 - 1952), foi jornalista, historiador, escritor e cofundador da revista *ABC* e ativista político convicto. Era um monárquico liberal e fiel ao rei deposto D. Manuel II, mesmo depois da implantação da República Portuguesa. Rocha Martins foi também, inicialmente, apoiador e entusiasta da Ditadura Nacional desempenhando a função de assessor de imprensa do ministro Henrique Linhares de Lima. Esse seu claro posicionamento político crítico de oposição ao Governo português e à República, mas que excetuava a figura do Presidente da República, como veremos mais à frente, refletia-se nas páginas da *ABC* que, por seu turno, sofria represálias. Mesmo assim, a revista não se calou e previu que suas publicações serviriam, como é o nosso caso, para as gerações futuras



**Figura 4**

*Multidão recebe Gago Coutinho e Sacadura Cabral.* Fonte: *Ilustração Portuguesa*, 12 de agosto de 1922, p. 162. Créditos: Fotografia Lobo



entenderem melhor Portugal nos anos 1922: “sentindo [a ABC] a necessidade de mais largamente fazer os seus ataques e deixar um documento do que se passa em Portugal neste período estranho”. A revista tinha orgulho de ser “do seu tempo, eclética e crítica na qual, por mais mordaz que tenha sido, nenhum governo, a não ser o atual, se atreveu a tocar. Continuará entre aplausos do público, o seu grande papel na vida nacional e o seu diretor não deixando de a conduzir no seu trilho de sempre” (ABC, 17 de agosto de 1922, p. 2).

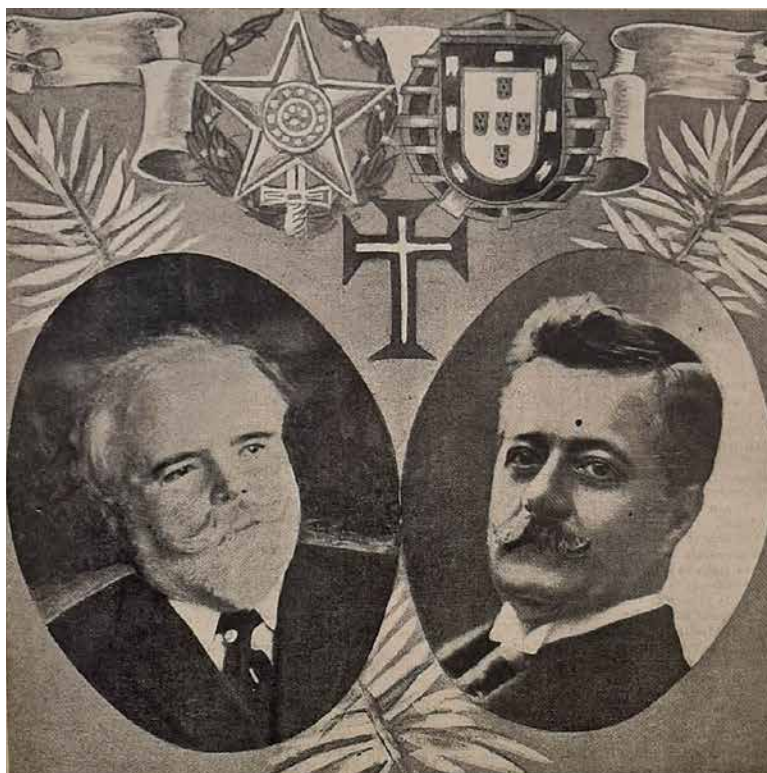


**Figura 5**  
Multidão de mais de trinta mil pessoas a homenagear os aviadores portugueses. Fonte: ABC, 17 de agosto de 1922, p. 2

Na *Ilustração Portuguesa*, a crónica assinada por Avelino de Almeida, em agosto de 1922, descreve o convite oficial do Governo Brasileiro ao Presidente português para assistir as comemorações do centenário de independência no Rio de Janeiro (cf. tabela 5). Uma vez mais, o texto celebra, Portugal no Brasil ao descrever o grande feito da mãe colonizadora que vê no centenário do filho colonizado o orgulho pela iminência da conquista de sua emancipação, o momento quando atinge a sua maioridade. Portugal, segundo o autor, deu todas as bases ao Brasil e é o grande responsável pela transformação de uma terra selvagem em potência mundial: “um pequeno povo [que] quis e pôde ‘devassar, dominar, povoar, colonizar um território semi-virgem, palmilhado por tribos rarefeitas e erráticas (...), criando no espaço de três séculos um dos maiores impérios da terra, transfundindo-lhe a língua, a religião e as instituições jurídicas, insuflando-lhe uma consciência de nacionalidade” (*Ilustração Portuguesa*, 19 de agosto de 1922, p. 169).

No mesmo registo, a partida do presidente Português para o Brasil ganha a capa da ABC em 24 de agosto de 1922, como podemos observar na figura 6. Ali podemos ver o busto de ambos os presidentes sobre ramos de palmeiras representando vitória, paz e vida eterna; em lados opostos, os respetivos chefes de estado, os brasões de Portugal e do Brasil simbolizando troca e proximidade; logo abaixo, a cruz insígnia da Ordem Militar de Cristo destinada a

premiar os serviços relevantes prestados a Portugal<sup>7</sup>. Na legenda, a revista reforça a ideia de proximidade entre as nações: “o chefe do estado português, leva consigo todas as aspirações da Alma Portuguesa. Brasil e Portugal são duas pátrias irmãs unidas pelo mesmo ideal e tendo diante de si um grande futuro” (ABC, 24 de agosto de 1922, p. 1).



**Figura 6**

*Presidentes de Portugal e do Brasil na primeira página da ABC. Fonte: ABC, 24 de agosto de 1922, p. 1*

O acontecimento caracterizado fotograficamente na figura 7 teve lugar em Portugal. Representantes — todos homens — da comunidade brasileira em Portugal são recebidos pelo Presidente da República, António José de Almeida, no Palácio de Belém, onde se deslocaram para desejar boa viagem ao Chefe de Estado de Portugal, de partida para o Brasil, onde se associaria às comemorações do centenário da independência. A fotografia é meramente protocolar — mesmo porque tanto a *Ilustração Portuguesa* como a ABC usaram a mesma foto para noticiar o evento — mas de grande simbolismo, um retrato coletivo de personalidades masculinas, portuguesas e brasileiras, capturada pelo conhecido fotógrafo da época Denis Salgado (1895-1963). Como outras fotografias, sugere mistura e irmandade (todos os protagonistas, inclusivamente, estão ao mesmo nível). Mas o ato representado, em si, insinua respeito e consideração dos brasileiros residentes em Portugal pelo país que os acolheu.

<sup>7</sup> Ver: <https://www.ordens.presidencia.pt/?idc=120>

**Figura 7**

*O Presidente da República, António José de Almeida, recebe representantes da comunidade brasileira em Portugal.*

Fonte: *Ilustração Portuguesa*, 26 de agosto de 1922, p. 195; *ABC*, 24 de agosto de 1922, p. 8. Créditos: Diniz Salgado



A bordo do paquete alemão “Porto”, que Portugal herdara ao final da Grande Guerra, António José de Almeida partiu para Terras de Vera Cruz. Como podemos verificar a partir da tabela 5, o embarque do Presidente da República em direção ao Brasil é repercutido nas páginas da *Ilustração Portuguesa* em 2 de setembro de 1922 e na *ABC* em 31 de agosto de 1922. As peças de ambas as publicações não estão assinadas e seguem a tendência de predomínio da imagem sobre o texto, a característica marcante das revistas. Na de 1922, as fotografias ilustram dois momentos distintos: o embarque presidencial, em Lisboa; e um pequeno aglomerado de homens ilustres formalmente trajados a aguardarem a chegada do presidente, em terras brasileiras — essas imagens dão a ideia de que o Chefe de Estado é admirado tanto em Portugal como no Brasil. Na página seguinte, poderíamos ver imagens da primeira-dama portuguesa a desembarcar, já no Brasil, assim como o interior do paquete que levava o presidente e a sua comitiva, mais especificamente a sala de jantar e os luxuosos quartos de dormir e de banho do gabinete presidencial. A partida do Presidente português foi um acontecimento tão importante que os relatos continuam na edição da semana seguinte. Com um tom lisonjeiro, a *Ilustração Portuguesa* destaca a “enorme multidão” curiosa que foi ver de perto a partida do Presidente da República. A frase que representa bem a forma como a *Ilustração Portuguesa* conduz a sua narrativa em relação ao Brasil pode ser sucintamente captada no seguinte excerto:

O Sr. Dr. António José de Almeida partiu a visitar Terras de Santa Cruz. Não é um facto simples este, mas antes da mais alta significação. O Brasil é um grande país moço e rico onde se fala a mesma língua, se professa a mesma religião, se sente da mesma maneira que neste nosso Portugal. O Brasil é apenas um Portugal mais exuberante, um Portugal maior. (...) Os velhos laços que nos ligam (...) apertar-se-ão ainda mais (...). Esta circunstância permite-nos afirmar que os leitores da *Ilustração* serão condignamente informados e verão desfilar nas nossas páginas os melhores aspetos desta viagem triunfal, viagem que leva a alma da mãe pátria, a terra cara e distante que os

nossos antepassados pela primeira vez mostraram ao mundo (*Ilustração Portuguesa*, 2 de setembro de 1922, p. 234).

A cobertura na *ABC* é feita também de forma minuciosa. Em 31 de agosto de 1922 a viagem presidencial é detalhada em uma reportagem fotográfica e, como o próprio nome diz, o destaque é dado às imagens. A revista acompanhou todos os passos do presidente desde o trajeto, feito de coche puxado a cavalo até o Porto Marítimo de Desinfecção onde o vapor “Porto” se encontrava atracado e pronto a partir para o Brasil; a despedida “afetuosa” (*ABC*, 31 de agosto de 1922, p.21) feita aos jornalistas que representavam a imprensa portuguesa no local; assim como os cumprimentos de despedida de altos funcionários civis e militares. Semelhantemente à *Ilustração Portuguesa*, a *ABC* dá conta, portanto, do grande momento para os cidadãos portugueses que saíram às ruas para ver o Presidente da República prestes a partir para uma importante viagem. Contudo, a *ABC* vai além é apresenta, em tom crítico, outros detalhes na peça também intitulada “A viagem presidencial” que iriam destoar um pouco a ideia de viagem glamorosa. A revista denuncia o facto vexativo que obrigou o Presidente da República ficar horas à espera de que o navio partisse, devido a falhas mecânicas. Indignada com o sucedido, a *ABC* “reclama um inquérito para os culpados desse estágio do mais alto representante de nação no Tejo, dentro dum barco parado” (*ABC*, 31 de agosto de 1922, p. 4). Segundo a revista, o presidente e sua comitiva esperaram que os engenhos do navio fossem colocados a trabalhar como se estivessem em terra, encasacados como o protocolo mandava, ao som de fado, com a mesa posta e inconscientes de toda a agitação dos mecânicos:

Não chega do fundo do navio um único ruído do trabalho enorme que lá se faz nessas quentes e negras profundezas onde se pretende dar vida a máquinas inertes. Lá em cima a charanga da marinha vai tocando um fado dolente, fado bem nacional, os convivas entorpecem-se diante das chávenas e o presidente, tomado da ideia que o “Porto” vai largar, não quer dormir, sonha só na partida, detém-se à espera que o navio arranque. Tem-no enganado sempre, continuam a enganá-lo, aquela estada ali é uma tortura. O fado continua (*ABC*, 31 de agosto de 1922, p. 4).

Assim como a travessia do Atlântico pelos pilotos portugueses, a Exposição Internacional do Rio de Janeiro fez parte das comemorações do centenário de independência do Brasil. A reportagem fotográfica da *Ilustração Portuguesa* repercutiu, em quatro páginas da edição do dia 9 de setembro de 1922, os trabalhos de autoria de artistas portugueses: “A arte portuguesa, como a indústria, como todas as manifestações da nossa atividade e da nossa inteligência, vai ter uma larga representação na próxima exposição da capital do Brasil. É grande o número de quadros que vão figurar no nosso pavilhão” (*Ilustração Portuguesa*, 9 de setembro de 1922, p. 247).

A *ABC*, por seu turno, apresenta outros enfoques (cf. tabela 6). Na edição do dia 3 de agosto de 1922, dedica duas páginas inteiras à peça intitulada “Um escândalo artístico” que relata, em tons de protesto, o facto das obras do jovem artista português, Martins Barata, terem sido recusadas para a Exposição do Rio de Janeiro. Martins Barata é conhecido dos leitores da *ABC*, pois ilustrava com frequência as suas páginas. Apesar de destacar a sua posição imparcial, a revista defende claramente uma posição ao apresentar um abaixo assinado com dezenas de assinaturas e critica duramente o júri da exposição que selecionou os trabalhos que representariam Portugal no Brasil: “Contra todas as expetativas, contra todas as resoluções lógicas e admissíveis, o júri da exposição do Rio de Janeiro, onde aliás não há um único especialista de aquarela, rejeitou os trabalhos deste novo, apurando obras de mérito inferioríssimas, recusadas até já nos nossos pobres certames nacionais, e que, decerto, no Brasil, vão prestar ao prestígio e à dignidade nacional um péssimo serviço” (*ABC*, 3 de agosto de 1922, p. 2).

Mais à frente, em 14 de setembro de 1922, a *ABC* evidencia um outro momento menos glamoroso quando uma torre do pavilhão português da Exposição do Rio de Janeiro desabara (Figura 8). A revista é duramente crítica sobre a construção que acusa de estar cheia de “toda a série de desleixos imperdoáveis. Não presidiu a essa obra um são critério; uma enorme falta de imaginação se notou em toda essa obra. O que seria uma ideia magnífica como monumento de raça, findou miseravelmente” (*ABC*, 14 de setembro de 1922, p. 9). Também acusa o Governo português de “política de favoritismo” ao nomear o engenheiro militar Ventura Malheiro Reymão que, segundo afirma, nunca fizera um trabalho notável de engenharia.

A revista desaprova o modo como foi feito o transporte, de Portugal para o Brasil, dos objetos que representariam a cultura portuguesa que chegaram como “cacos” em “caixotes com a designação de ‘frágil’ [que] foram tratados como se contivessem ferro” (*ABC*, 14 de setembro de 1922, p. 9). A revista aponta como um dos culpados o comissário da exposição, um antigo barbeiro, Dr. Afonso Costa, que teria recebido três libras em ouro por dia, mas “cuja incompetência há de juntar o resto” (*ABC*, 14 de setembro de 1922, p. 9). Isso teria sido motivo de descontentamento entre os artistas portugueses: “quando seria necessário enviar um pintor, um desenhador, um arquiteto, e temos imensos que não ganham 20\$000 réis por dia, mandou-se um barbeiro — que pode ser hábil no seu ofício, mas é ignorante no resto — com mais de 200\$000 réis ao câmbio” (*ABC*, 14 de setembro de 1922, p. 9).

Toda essa peça é uma desaprovação direta ao Governo português, acusado pela *ABC* de fazer política e de ter perdido a oportunidade de mostrar-se “grande” perante o Brasil e as outras nações que estavam ali representadas. “Os cacos do cais da Alfândega” foram apontados como representação daquilo que foi a presença de Portugal na Exposição do Rio de Janeiro e “que não corresponde de forma alguma ao acontecimento que se comemora” (*ABC*, 14 de setembro de 1922, p. 9), referindo-se às festas do centenário de independência do Brasil.

Mais à frente, a *ABC* publica um outro capítulo da história sobre Portugal na exposição internacional. Com o título “A bicha para o Rio de Janeiro”, o tom escolhido foi o irónico,



acompanhado, desta vez, de uma ilustração caricata sobre o acontecimento, chamado de “escândalo” (cf. tabela 6). Apesar de não deixar claro em qual periódico, essa notícia e imagem teriam sido primeiramente publicadas no Rio de Janeiro e depois reproduzidas pela *ABC*. Segundo a revista, tratou-se da ida com despesas pagas e ordenados elevados de inúmeros funcionários do Comissariado da Exposição e artistas, entre os quais se contavam cantores, bailarinas e músicos, a bordo do navio “Lourenço Marques”. A apreciação centra-se no facto de que estas pessoas nada teriam o que fazer no Rio de Janeiro, visto que os pavilhões ainda não estariam construídos. A desaprovação centra-se uma vez mais, nas decisões tomadas pelos políticos portugueses:

É curiosíssimo que vivendo nós num país onde não é possível a qualquer cidadão sair as portas da cidade sem figurar no “carnet mondain” tão ocultamente tivessem ido até ao Guanabara tais cómicos, bailarinas e cantores (chanteurs?) sem que o próprio comissário geral da exposição se pudesse opor pois parece ter ele sido obrigado a conduzir no seu barco todos aqueles pupilos do governo pagos com o dinheiro da nação. (...) Os cómicos, naturalmente desempregados, nada teriam que fazer no Brasil e ser-lhes-ia fácil em Lisboa arranjar um lugar no parlamento; para os coros das galerias poderiam ir os cantores, os músicos estão sempre empregados sobre tudo desde que se trate de instrumentos de pancadaria e as bailarinas topam sempre vaga um coração de senador ou de ministro sobretudo depois do aumento dos ordenados a estes profissionais da política que não embarcam antes mandam os outros ir nos botes (*ABC*, 5 de outubro de 1922, p. 5).



**Figura 8**

*Imagem dos destroços do desabamento de uma torre do pavilhão português da Exposição do Rio de Janeiro.*

Fonte: *ABC*, nº 113, 14 de setembro de 1922, p. 9

A abordagem das festas da independência do Brasil, que ocorrera em 7 de setembro, foi feita pela *Ilustração Portuguesa* somente nove dias depois, a 16 de setembro (cf. tabela 5). Segundo a revista, todos os dias eram enviados notícias sobre as festas de comemoração do centenário da independência do Brasil, através de telégrafo. Mesmo assim, a distância entre os dois países dificultava a rápida transmissão de informação, uma comum característica daquele momento da história do jornalismo. A reportagem fotográfica fala das celebrações tanto no Brasil como em Portugal e é chamada de “grande acontecimento do mês”. Ali, como em outros textos, a *Ilustração Portuguesa* comunica com seus leitores tendo como ponto central da abordagem a proximidade entre os dois países: “As suas conquistas, os seus notáveis progressos, é como se nossos fossem. Se eles sofrem, se atravessam crises, se na política, na administração, na economia, etc., há sérias perturbações, como sucede em todos os povos, nós sentimos tudo o que eles sentem. É o mesmo sangue, é a mesma raça” (*Ilustração Portuguesa*, 16 de setembro de 1922, p. 268).

Fala-se das receções que tiveram lugar no Palácio do Cattete, das “grandiosas manifestações” realizadas na capital federal do Brasil e em Lisboa, mas sempre de forma genérica e sem nunca detalhar tais acontecimentos. Outra característica da *Ilustração Portuguesa* era fazer referência às notícias que eram publicadas no jornal *O Século*, que fazia parte do mesmo grupo editorial. A revista passa a ideia de que seria *O Século* a tratar minuciosamente os acontecimentos. À *Ilustração Portuguesa* caberia um tratamento da informação mais ligado ao *soft news* com um texto subjetivo, pouco centrado em factos e muito adjetivado. A peça na *Ilustração Portuguesa*, que ocupa duas páginas, está ilustrada com oito fotografias de caráter protocolar e pouco representativa daquilo que teria sido o acontecimento em ambos os países. Dentre as fotografias, podemos ver membros da Embaixada e do Consulado do Brasil em Portugal e, em maior dimensão, uma grande imagem do Monumento aos Andradas ladeado por importantes personalidades políticas (figura 9). A obra foi inaugurada a 7 de setembro de 1922 na cidade de Santos e homenageia os três irmãos reconhecidos como importantes personagens para a conquista da autonomia política e administrativa do Brasil.

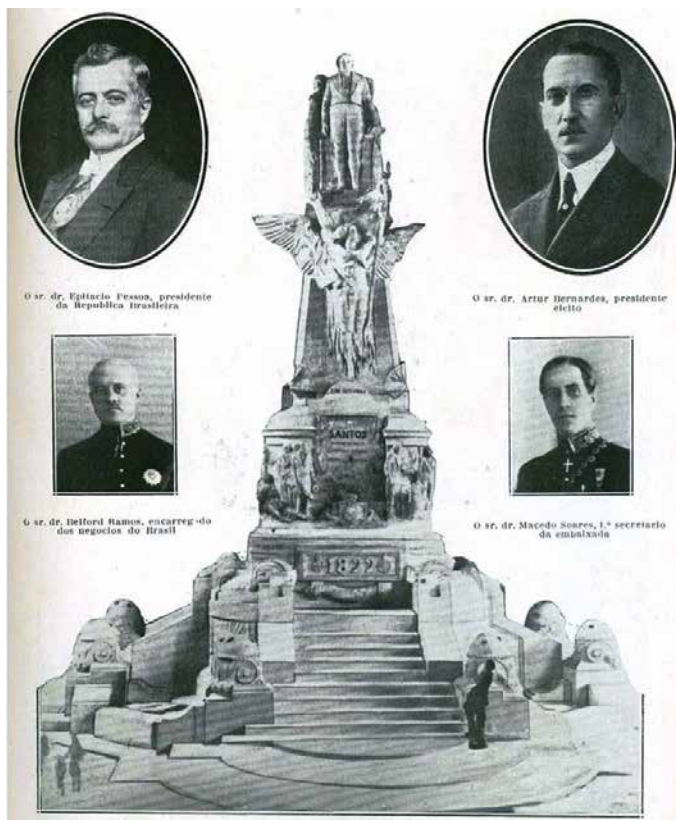
O dia 7 setembro propriamente dito, no lugar de dar destaque às festas de comemorações do centenário de independência em Portugal ou no Brasil a *ABC* apresenta uma abordagem mais histórica e crítica à emancipação do Brasil. Na matéria “O centenário da independência do Brasil” de duas páginas inteiras a revista descreve os principais acontecimentos que ocorreram entre 7 de setembro de 1822 e os 100 anos seguinte. Ilustrada com as gravuras de D. João VI e D. Pedro, uma em cada página como que para assinalar a separação, a peça começa por dizer que a data marca o desligamento do Brasil da metrópole representado um marco do “final duma prisão secular” (*ABC*, 9 de setembro de 1922, p. 12), a quebra de uma subordinada existência que teria feito a jovem república florescer. Lembra a ida de D. João VI para o Brasil, aquando das invasões napoleónicas, e quão bem a colónia portuguesa acolhera o monarca: “com delírio estonteante” (*ABC*, 9 de setembro de 1922, p. 12). Segundo a revista,

o rei achara paz e horas perfeitas para a sesta enquanto Carlota Joaquina sonhava em ser a imperatriz das Américas. Este sossego seria abalado pelas vozes ardentes de rebelião e de desmembramento que ecoavam em Pernambuco, Bahia e depois em São Paulo: “Os tiros dos fuzilamentos ecoavam no Rio de Janeiro e D. João VI sentiu que as belezas da paisagem, as cores ardentes dos céus, o seu sossego começava a sumir-se ante aqueles novos de pólvora” (ABC, 9 de setembro de 1922, p. 12).

Portugal passava por um momento particularmente delicado de sua história e que ainda estava vivo no imaginário dos anos 1920: depois da retirada dos franceses, a permanência do rei no Brasil e o domínio dos militares inglês agravaram o descontentamento de grande parte da população portuguesa. Esse clima de incertezas contribuiu para que, em agosto de 1820, somente dois anos antes da independência do Brasil, fosse estabelecido, pela primeira vez, um regime liberal em Portugal (Proença, 2015). O objetivo da revolução de 1820 que se iniciou no Porto tinha o propósito de elaborar uma Constituição, realizar reformas para modernizar o país, conservar a “santa religião” católica e fazer retornar o rei do Brasil (Proença, 2015). Assim, a revolução de 1820, em Portugal, obriga o monarca a regressar deixando D. Pedro como regente do Brasil. De acordo com a ABC, a independência do Brasil deveu-se, em grande parte, à intransigência e ao jacobinismo dos homens portugueses de 1820: “Na colônia seguia-se o seu exemplo: as lojas secretas trabalhavam e era já de liberdade completa que se falava, da vida livre que se tratava, de criar uma pátria a sair da alma brasileira que se enchia os espíritos” (ABC, 9 de setembro de 1922, p. 13). O clamor era forte e não haveria maneira de conter os ímpetus independentistas: “Independência ou morte!” E aquele facto passado em 7 de setembro de 1822 nas margens do Ypiranga, o que o Brasil celebrava naquele momento com as retumbantes festas às quais assistiam não já os parentes portugueses do emancipador, mas representantes oficiais de Portugal tornado república (ABC, 9 de setembro de 1922). A ABC traz a reprodução do suplemento nº 269 da *Gazeta de Lisboa* de 15 de novembro de 1823 na qual é reconhecida por Portugal a independência do Brasil, a marcar o carácter histórico da peça.

Na edição da semana seguinte, em 14 de setembro de 1922, a ABC continua com a mesma vertente histórica, mas desta vez a tratar do simbolismo do centenário de independência do Brasil, como que a explicar aos seus leitores como se deu o acontecimento. Assim como a *Ilustração Portuguesa*, a ABC reforça a ligação entre os dois países e destaca, mesmo ao lamentar a mudança de regime de governo, a importância da monarquia portuguesa para a fundação da república brasileira. Após o grito de Ypiranga, portugueses e brasileiros, unidos na mesma aspiração trataram de aclamar um imperador. A peça finaliza ao referir-se a D. Pedro I que “tempo depois abdicava mas não deixavam de reconhecer a sua obra de salvação da homogeneidade do Brasil aqueles que lhe adotavam o filho [D. Pedro II] e o coroavam imperador garantindo assim uma ação conjunta e fortalecedora entre as diversas províncias com que se solidificou a nação hoje triunfal e magnífica” (ABC, 14 de setembro de 1922, p. 12).





**Figura 9**  
Personalidades brasileiras e projeto de monumento  
a heróis da independência do Brasil (Monumento aos  
Andradas, Santos). Fonte: *Ilustração Portuguesa*, n.º 862,  
16 de setembro de 1922, p. 267



**Figura 10**  
Contextualização histórica do centenário  
da independência do Brasil. Fonte: ABC,  
9 de setembro de 1922, p. 12

O escritor Albino Forjaz de Sampaio assina o texto da secção “Crónica” da *Ilustração Portuguesa* que relata a viagem do Presidente da República português ao Brasil: “uma viagem verdadeiramente triunfal que deve exercer perduráveis efeitos nas relações entre os dois países, iguais na língua, iguais no sentimento, iguais na civilização e nos costumes. Portugal não tem tantas afinidades com outro país como tem com o Brasil. O Brasil é Portugal na América como Portugal é o Brasil na Europa” (*Ilustração Portuguesa*, 23 de setembro de 1922, p. 289). Apesar de ressaltar a forte ligação e da mútua admiração entre os dois países, o autor discorre criticamente sobre a relação entre ambas as nações e afirma que seria necessário que Portugal fosse “útil ao Brasil” um país ainda desconhecido dos portugueses. Sampaio indaga o motivo pelo qual isso aconteceria: “Em Portugal pouco se conhece do Brasil. Será da falta de imigração brasileira para Portugal. Será da falta de propaganda do grande país entre nós?” (*Ilustração Portuguesa*, 23 de setembro de 1922, p. 289). Nesta peça, apercebemo-nos de que muito da cultura brasileira seria desconhecida para a maioria dos portugueses e uma vez mais a *Ilustração Portuguesa* coloca Portugal no centro da discussão: Portugal seria uma referência cultural para os brasileiros, mas o contrário não aconteceria, o Brasil não seria profundamente conhecido dos Portugueses.

O brasileiro conhece bem o português. Sabe da sua história, lê os seus escritores, decora os seus poetas e até da sua política toma lições noturnas em deslavadas revistas do ano que companhias horríveis lhes impingem. No Brasil leem se os nossos clássicos e o fundo livresco de nossos avós para lá se vai escoando todo. Tratadistas competentes estudam a língua, professores considerados ficam com a luz de seus comentários as maravilhas do estilo e do pensamento português. Os nossos poetas têm no Brasil o seu país encantado. Os nossos eruditos é lá e na Alemanha que vendem os seus livros. Há enfim no Brasil uma atmosfera de carinho pelo português. Todo o Brasil é uma apoteose a Portugal. Em compensação, em Portugal pouco se conhece do Brasil. (...) Portugal continua a não conhecer esse soberbo Machado de Assis — o Camilo de Além-Mar. Conhece mal Euclides da Cunha, o admirável autor dos «Sertões» — o Fialho Brasileiro. De Olavo Bilac, o enorme e enternecido poeta, mal sabe dois sonetos, nunca leu uma daquelas consoladoras conferências de Garcia Redondo. Conhece é certo um pouco de José de Alencar, sabe as melhores páginas do João Rio, lembra-se vagamente da dolência magoada e triste de Casimiro de Abreu, é mesmo capaz de entoar, de ouvido, alguns compassos do «Guarany», mas não sabe mais nada. Toda a erudição brasileira, na filologia, na literatura, na medicina legal, no «folclore» lhe é estranha. Toda a plêiade brilhante de novos do norte, do sul, do centro não a conhece. O país, nas suas espantosas paisagens tropicais, o povo nas suas modinhas, de que Catuto Cearense é a expressão literária, é-lhe absolutamente coisa morta e muda” (*Ilustração Portuguesa*, 23 de setembro de 1922, p. 289).

Levando em consideração que as taxas de analfabetismo chegavam a 66% da população portuguesa em 1920<sup>8</sup>, o autor faz esta abordagem crítica certamente direcionada à elite letrada portuguesa, aqueles que eram também os leitores dos jornais e revistas da época. O que prevaleceria seria, então, uma ideia ligada ao senso-comum e à ex-colônia. Assim, poderíamos concluir que em Portugal pouco se saberia sobre literatura, arte, mas também da história recente do Brasil. Isso seria facilmente compreensível se levar em consideração a realidade dos anos 1920 quando o acesso à informação era muito diferente daquele que acontece nos dias de hoje, e quando os meios de comunicação operavam num sistema condicionado e, como podemos perceber até aqui, muito voltados para “dentro” do contexto nacional português. O autor analisa ainda o país sul-americano por não se dar a conhecer internacionalmente: “Mesmo o Brasil, embebido no seu trabalho de reconstrução interna, ainda não ensaiou a sua propaganda pelo mundo. E por isso o mundo sabe apenas que o Brasil é um país enorme, rico e generoso d’essa grande América do Sul. Mas pouco mais sabe” (*Ilustração Portuguesa*, 23 de setembro de 1922, p. 289). Portanto, mesmo depois de cem anos da independência brasileira, as imagens veiculadas nas revistas de informação geral portuguesas falavam de um Brasil ex-colônia e pouco tinham a dizer sobre o que se passava no Brasil no início

8 Fonte: Censo da população de Portugal — dezembro de 1920

do século XX, quais eram os dilemas de um país que começara só recentemente a escrever a sua própria história em primeira pessoa.

O Presidente da República Portuguesa continua o foco principal da *Ilustração Portuguesa* na edição de 14 de outubro de 1922. Nesse número, a revista dedica ao Chefe de Estado uma foto de perfil que ocupa toda uma página, a abrir a edição; a “Cronica”, desta vez sem assinatura autoral, seguida de duas grandes fotos a ilustrarem a viagem presidencial; e uma reportagem fotográfica intitulada “O Sr. Dr. António José D’Almeida no Brasil (Figuras 11, 12, 13 e 14). Pouco é dito sobre o Centenário da Independência ou mesmo sobre o Brasil. O foco é o grande homem português, eficiente, forte de caráter sem deixar de ser sensível às emoções e, como as imagens 12, 13 e 14 demonstram e como a revista parece defender, admirado e aclamado como pai da nação portuguesa, mas também do jovem país sul-americano que acabara de completar 100 anos de emancipação. A *Ilustração Portuguesa* reproduz as mesmas fotografias publicadas no jornal *O Século* e gaba-se da exploração das imagens, a sua principal característica: “Está feita a reportagem do que foi a visita do sr. Presidente da República à capital da grande república sul-americana. Os leitores da *Ilustração Portuguesa*, que são naturalmente também do Século, leram-na decerto neste jornal com um desenvolvimento telegráfico, que escusa” (*Ilustração Portuguesa*, 14 de outubro de 1922, p. 372). O destaque é dado à exuberante imagem de página inteira do cortejo presidencial em direção ao Palácio Guanabara, no dia da chegada do presidente português ao Brasil (Figura 14).

Um homem como o Sr. Presidente da República na sua vida de médico distinto nas nossas colónias, na sua aturada propaganda republicana, cortada de incidentes graves, nas suas árduas tarefas de ministro e no exercício da magistratura suprema (...) curvou-se como um crente sobre o chão sagrado dessa segunda pátria (...) cheia de magnificências naturais que fazem o nosso pasmo, de progressos que constituem o nosso orgulho e de tradições que são a nossa glória. (...) António José de Almeida no Brasil encontrou amor, saudade, patriotismo e verificou esta fulgentíssima verdade: que Portugal e Brasil o mesmo são, que tão grande é a raça que nem o Oceano a interrompe. (...) Deve, pois, o Sr. Presidente (...) intimar (...) a que o velho Portugal imite o moço país (...). A viagem do Sr. Presidente da República, além da significação diplomática e económica (...), teve também um alto significado afetivo. Ela foi congregar portugueses com portugueses, ela foi unir mais os elos da grande cadeia que une a nossa terra à grande terra brasileira (*Ilustração Portuguesa*, 14 de outubro de 1922, p. 362).



**Figura 11**  
*Presidentes da República do Brasil e de Portugal, Epitácio Pessoa e António José de Almeida, no Rio de Janeiro. Fonte: Ilustração Portuguesa, 14 de outubro de 1922, p. 372*



**Figura 12**  
*Presidentes da República do Brasil e de Portugal, Epitácio Pessoa e António José de Almeida, no Rio de Janeiro. Fonte: Ilustração Portuguesa, 14 de outubro de 1922, p. 372*



**Figura 13**

*Cortejo presidencial na recepção  
do Presidentes da República  
Portuguesa no Rio de Janeiro.*  
Fonte: *Ilustração Portuguesa*,  
14 de outubro de 1922, p. 373



**Figura 14**

*Cortejo presidencial na recepção  
do Presidentes da República  
Portuguesa no Rio de Janeiro.*  
Fonte: *Ilustração Portuguesa*,  
n.º 869, 14 de outubro  
de 1922, p. 374



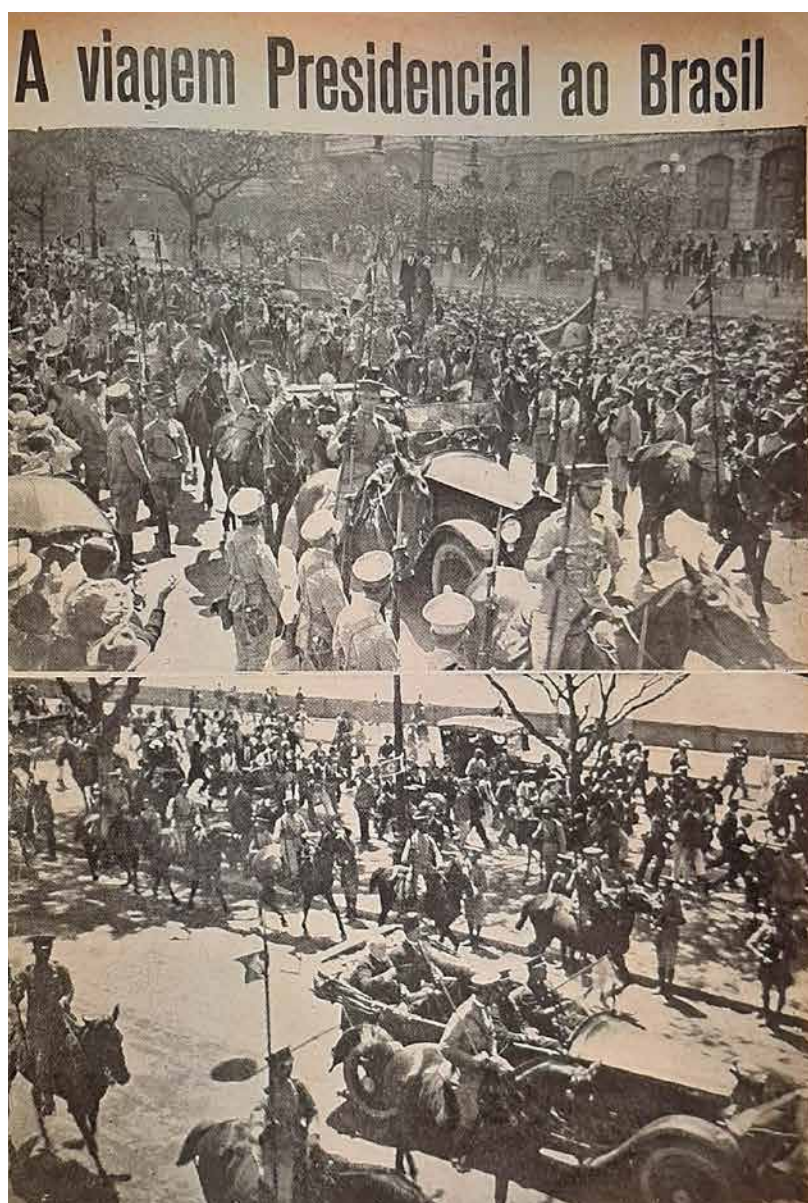
Enquanto a *Ilustração Portuguesa* dedica várias páginas escritas sempre acompanhadas de muitas imagens à ida e estadia do Presidente da República no Brasil, a *ABC* opta por uma cobertura mais discreta e repercute a viagem presidencial em duas edições. A primeira delas traz duas fotos que preenchem uma página (Figura 15) acompanhadas de uma breve legenda: “O cortejo na Avenida Rio Branco — Após o desembarque na Praia do Flamengo” (*ABC*, 12 de outubro de 1922, p. 5). Pela exuberância das imagens, podemos ver a grandiosidade da recepção que foi atribuída ao presidente português que passa de carro aberto, ladeado por homens do exército brasileiro a cavalo enquanto, possivelmente, milhares de pessoas nas ruas o saúdam e observam o cortejo a passar.

A segunda edição da *ABC* dedicada ao Presidente português no Brasil, por sua vez, é mais extensa e combina texto e imagem em quatro páginas completas. Mesmo que não esteja assinada (com as iniciais AC, há a indicação que o autor seria um “delegado da *ABC*”), a peça está escrita em primeira pessoa e relata toda a viagem do Presidente da República. Este jornalista, portanto, teria participado da viagem e tinha como objetivo fazer uma “descrição cinematográfica” apontando detalhes que não vimos referidos pela *Ilustração Portuguesa*. Embora não especifique a razão, o autor começa por dizer que foram “obrigados a arribar a Las Palmas, dois dias depois de sair de Lisboa”, o que poderia, possivelmente, ser explicado por razões mecânicas do navio. Outro episódio curioso, seria o facto de que o dia 7 de setembro, dia de comemoração do centenário de independência e motivo pelo qual o chefe de Estado se dirigia ao Brasil, foi passado dentro do navio. A comitiva, na verdade só chegaria à baía de Guanabara, no porto do Rio de Janeiro, a 17 de setembro “por entre sobressaltos e incertezas” (*ABC*, 19 de outubro de 1922, p. 4).

No maravilhoso porto do Rio de Janeiro, aguardavam-nos outros cruzadores brasileiros, e de outras nações, e dezenas doutros barcos, lanchas, etc., salvando uns, apitando outros, enquanto na esplendida cidade, os cais e os montes apinhados de gente; repicando festivamente os sinos das igrejas! O cortejo do arsenal da marinha ao palácio de Guanabara, foi uma verdadeira apoteose à Raça, assim como todas as seguintes festas e cerimônias. A figura do Presidente, a sua palavra admirável, quer na sessão do Congresso, que produziu a mais profunda e entusiástica sensação e lhe trouxe a exuberante simpatia de todos os brasileiros e portugueses do Brasil. (...) A descrição das festas oferecidas ao sr. Presidente e a sua comitiva, pelo Brasil, a hospitalidade que lhes ofereceu no belíssimo Palácio Guanabara, e aos jornalistas no grande hotel Glória, a festa da embaixada portuguesa, e o baile oferecido pelo Presidente da República Portuguesa, no palácio Guanabara, onde estiveram mais de seis mil pessoas, o patriotismo, a dedicação e a gentileza da colónia portuguesa, foram acontecimentos sobre os quais eu desejaria publicar largas crónicas: infelizmente é impossível (*ABC*, 19 de outubro de 1922, p. 20).



A imagem que a ABC passa nessa peça, aproxima-se da postura da *Ilustração Portuguesa*, ou seja, o Presidente da República foi recebido no Brasil sob grande aclamação, um sinal de notoriedade e admiração que os brasileiros teriam por Portugal. O que se observa, portanto, uma vez mais, é o direcionamento do discurso não para o centenário da independência, não para o Brasil ou para os brasileiros, mas sim, para Portugal, como se fosse esse o homenageado. Outro aspeto que chama a atenção é que tanto a *Ilustração Portuguesa* como a ABC publicaram imagens que não deixam dúvidas sobre como as festas do centenário da independência do Brasil foram uma grande atração para os brasileiros, em especial para os cidadãos da cidade do Rio de Janeiro, a capital do Brasil na época. No entanto, os leitores da *Ilustração Portuguesa* e da ABC nada mais saberiam sobre o Brasil de 1922, nada é dito sobre a sociedade brasileira. Chamado de colónia portuguesa, não de forma pejorativa, mas afetuosa, o Brasil é, portanto, ainda visto como um “protegido” de Portugal.



**Figura 15**  
O cortejo de recepção ao Presidente  
da República Portuguesa na Avenida  
Rio Branco. Fonte: ABC, 12 de outubro  
de 1922, p. 5



**Figura 16**

*O discurso do Presidente da Rep3blica Portuguesa no Congresso brasileiro e um banquete oferecido em sua homenagem.*

Fonte: ABC, 19 de outubro de 1922, p. 5



**Figura 17**

*O Presidente Português à sa3da do Congresso Brasileiro; uma multid3o na Praça da Independ3ncia ouvindo o discurso de saudaç3o do presidente Ant3nio Jos3 de Almeida.* Fonte: ABC, 26 de outubro de 1922, p. 7

Assim como a partida e a estadia de 10 dias do Presidente português no Brasil, tamb3m o seu retorno foi alvo de atenta cobertura por parte da *Ilustraç3o Portuguesa*. Em suas p3ginas, a revista relata o cortejo fluvial que se formou em Bel3m, o desfile de tropas em frente à C3mara Municipal e, assim como no Brasil, uma multid3o nas ruas da capital lusitana na “receç3o feita ao supremo magistrado da naç3o” no seu regresso (*Ilustraç3o Portuguesa*, 21 de outubro de 1922, p. 401). A ABC d3 conta que os aviadores tamb3m estavam a bordo do navio Porto de retorno a Portugal e, da mesma maneira que o Presidente, tamb3m Gago Coutinho e Sacadura Cabral receberam grandes honras no momento da chegada (Figura 18). A *Ilustraç3o Portuguesa* publica uma longa mat3ria e compara os pilotos aos navegadores portugueses que desbravaram o mar e “descobriram” o Brasil h3 mais de tr3s s3culos: “os nautas que venceram o ar procedem em linha reta dos nautas que jugularam o mar. A mesma serena energia, o mesmo agudo engenho, a mesma ardosa f3, o mesmo desd3m pela morte, a mesma segurança do triunfo!” (*Ilustraç3o Portuguesa*, 28 de outubro de 1922, p. 410).

A *Ilustraç3o Portuguesa* d3 a ideia de que o grande feito dos recentes precursores da travessia a3rea, o “al3m Atl3ntico”, fez os portugueses sentirem que ainda s3o grandes desbravadores perante o mundo, capazes de inspirar as geraç3es mais jovens. Aqui perde-se totalmente a conex3o com as comemoraç3es da independ3ncia do Brasil, fala-se somente dos



ídolos, as mais novas celebridades portuguesas. A simplicidade dos aviadores é relatada em pitorescos detalhes de seus comportamentos a bordo do navio “Porto” que os conduziu do Brasil a Portugal: “Como todos os grandes homens, Gago e Sacadura são de uma afabilidade extraordinária. Convivem, a bordo, com toda a gente, mantendo, principalmente Gago Coutinho, um inalterável bom humor (...). As noites passam-nas, os dois, fazendo interessantes sortes de prestigiação, que muito divertem os outros passageiros: Gago Coutinho, com cartas de jogar; Sacadura, com lenços e outros objetos” (*Ilustração Portuguesa*, 04 de novembro de 1922, p. 443). Com o título “O fecho da epopeia” (cf. tabela 5), a *Ilustração Portuguesa* orgulha-se de ter acompanhado toda a aventura, apresentando-a aos seus leitores “do ponto de vista da função que lhe compete, ou seja, da documentação gráfica do mais alto acontecimento nacional hodierno” (*Ilustração Portuguesa*, 04 de novembro de 1922, p. 442).

Já de volta a Portugal, os pilotos percorreram todo o país e foram alvo de inúmeras homenagens e algumas delas são registadas pela ABC: o lançamento da primeira pedra destinada ao padrão em honra de Gago Coutinho e Sacadura Cabral (21 de setembro de 1922, p. 1); procissão em S. Sebastião e Sant’Ana, em S. Martinho do Porto (21 de setembro de 1922, p. 21); jantar de confraternização na Câmara Municipal de Lisboa (9 de novembro de 1922, p. 1); e muitas outras que se seguiram. Para termos uma ideia da popularidade dos mais novos heróis da nação, Gago Coutinho foi apresentado pela ABC, em 26 de novembro de 1925, como um possível candidato às próximas eleições presidenciais.



**Figura 18**

*Imagens dos aviadores a bordo do navio “Porto” e do rio Tejo onde foram recebidos por um cortejo de embarcações. Fonte: ABC, 26 de novembro de 1922, p. 5*



**Figura 19**

Capa da *Ilustração Portuguesa* ("O beijo através do Atlântico"). Fonte: *Ilustração Portuguesa*, 4 de novembro de 1922, capa. Créditos: Mora (obra publicada na *Revista da Semana*, do Rio de Janeiro)

Como podemos observar até aqui, foram muitas as fotografias que ilustraram todos os factos apresentados pela *Ilustração Portuguesa* e pela ABC. Contudo, a grande imagem que representa a cobertura das festas de comemoração do centenário de independência do Brasil é a capa da *Ilustração Portuguesa* de 04 de novembro de 1922 (Figura 19). Vibrantemente colorida, está cheia de simbolismo e é a interpretação máxima daquilo que a revista tem defendido ao longo da cobertura do acontecimento: a união entre ambos os países. Ali, podemos ver duas figuras a beijarem-se na boca. A primeira personagem é um anjo envolto na bandeira portuguesa que cobre quase completamente o seu corpo; encontra-se em uma posição superior, dominante e representada uma proteção vinda do céu sobre o Brasil. O segundo protagonista encontra-se no plano inferior, representado como uma jovem mulher trajando um vestido feito com a bandeira brasileira; podemos ver os contornos do seu corpo e a parte lateral do pescoço, exposto e mais vulnerável. No céu, estão localizados o Cruzeiro do Sul, uma constelação de cinco estrelas que só pode ser visualizada do hemisfério sul e de grande simbolismo no Brasil, e a Estrela Polar que, por sua vez, só pode ser avistada do hemisfério norte, representando, portanto, Brasil e Portugal, respetivamente. As figuras tocam-se nas mãos que estão pousadas sobre o coração da mulher e beijam-se nos lábios, não eroticamente, mas



como uma comunhão de afetos que liga duas nações identificadas pela raça, pelas instituições, pela língua e pela história, o orgulho de ambas. Assim, “O beijo através dos oceanos”, alegoria cujo autor é identificado como Mora, é uma alusão ao Centenário da Independência do Brasil, porém, em nota de rodapé na página 333, a revista esclarece que essa imagem é uma reprodução publicada primeiramente pela *Revista da Semana*, do Rio de Janeiro, em 15 de abril de 1922<sup>9</sup>, aquando da chegada dos pilotos portugueses ao Brasil.

O último evento tratado pela *Ilustração Portuguesa* e pela *ABC* dentro do que propõe a presente pesquisa, ou seja, até o final de dezembro de 1922, é a comemoração do Dia do Brasil e do Dia de Portugal na Exposição Internacional do Rio de Janeiro. A revista *Ilustração Portuguesa* descreve a comemoração do Dia de Portugal na exposição do Rio de Janeiro em homenagem ao centenário de independência do Brasil como imponente e festiva (figura 21): “A nossa bandeira foi arvorada ao som da ‘Portuguesa’, houve concertos sinfónicos, festas de carácter popular” (*Ilustração Portuguesa*, 16 de dezembro, p. 638). Sobre o Dia do Brasil em Portugal, foi publicada uma fotografia em página dupla de uma multidão em frente a Embaixada do Brasil, em Lisboa, por ocasião da passagem de um cortejo em tributo ao Brasil (figura 20). A *ABC*, por sua vez, marca o evento com fotografias. A primeira delas a ocupar toda a primeira página da edição do dia 23 de novembro e a destacar o momento em que Gago Coutinho e Sacadura Cabral se dirigem à Embaixada do Brasil para entregar, simbolicamente, uma mensagem de Portugal aos brasileiros. Em um segundo momento, narra, através de uma reportagem fotográfica, com cinco imagens, o Presidente da República portuguesa na Embaixada do Brasil em Portugal, em atos comemorativos (figura 23).

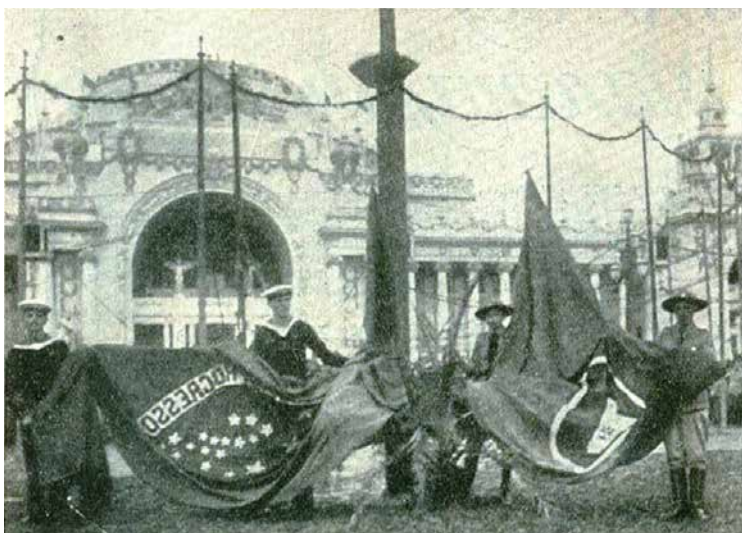


**Figura 20**

Cortejo cívico para celebração do Dia do Brasil em Lisboa.

Fonte: *Ilustração Portuguesa*, n.º 874, 18 de novembro de 1922, p. 507. Créditos: Diniz Salgado

9 [http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=025909\\_02&pasta=ano%201922&pesq=&pagfis=2404](http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=025909_02&pasta=ano%201922&pesq=&pagfis=2404)



**Figura 21**  
*Hasteamento das bandeiras do Brasil e de Portugal por ocasião da celebração do Dia de Portugal na Exposição Internacional do Rio de Janeiro. Fonte: Ilustração Portuguesa, 16 de dezembro de 1922, p. 638.*



**Figura 22**  
*Pavilhão de Portugal na Exposição Internacional do Rio de Janeiro. Fonte: Ilustração Portuguesa, 30 de dezembro de 1922, p. 697*



**Figura 23**  
*O Presidente da República Portuguesa nas festas do Dia do Brasil em Portugal junto à Embaixada do Brasil em Lisboa. Fonte: ABC, 23 de Novembro de 1922, p. 5*

O centenário da independência brasileira foi coberto de maneira extensiva e detalhada ao longo de vários meses pelas duas revistas ilustradas de informação geral que circulavam em Portugal em 1922: a *Ilustração Portuguesa* e a *ABC*. O enquadramento dado à efeméride tem como base as ideias fortes da narrativa da *Ilustração Portuguesa* que remetem para o imaginário da afinidade entre os povos de Portugal e do Brasil: os brasileiros são “irmãos” dos portugueses e a ambição de Portugal é abraçar indissolivelmente o Brasil. A *Ilustração Portuguesa* trata as festividades do centenário de independência do Brasil com uma interpelação quase que exclusivamente adulatória e tendo como foco central Portugal, principalmente, na figura do presidente da república e dos aviadores Gago Coutinho e Sacadura Cabral, protagonistas de 14 das 22 peças (sete peças cada um) ou seja, mais de metade de tudo que foi publicado pela *Ilustração Portuguesa* no período analisado.

A *ABC* possui uma abordagem ligeiramente diferente. Ainda que não abandone a imagem de união entre os dois países, é mais analítica e centrada nos factos com a interpelação de assuntos mais diversificados. Optou por uma perspetiva crítica em relação à República justificada pela figura de seu diretor Rocha Martins, um monárquico. Desse facto, excetua-se a pessoa do Presidente da República, que é aquele, devido à forte noticiabilidade da personagem — em teoria, a pessoa mais importante de Portugal — de quem a revista *ABC* mais falou e de forma favorável, sendo a figura central em oito peças de um total de 22. Essa revista desenvolve, efetivamente, um jornalismo investigativo e denunciador e usa um tom perscrutador nas suas peças, por exemplo: ao delatar o facto o que obrigou o Presidente da República ficar horas à espera de que o navio “Porto” partisse para o Brasil; ao evidenciar o momento e em quais circunstâncias uma torre do pavilhão português da Exposição do Rio de Janeiro desabou; e ao acusar o Governo português de “política de favoritismo”. Nada disso foi identificado nas páginas da *Ilustração Portuguesa*, francamente adulatórias para o poder governamental republicano, que em caso algum belisca.

Ainda que pensemos que a *ABC* operava em um regime de total liberdade de imprensa. Um episódio, o confisco de uma edição do mês de agosto de 1922, derruba este argumento, uma vez que a revista teria sido impedida de ser publicada por fazer alusões desfavoráveis ao Governo português. A partir da análise, podemos também saber um pouco mais sobre como o jornalismo do início do século passado operava com a transmissão da informação (através de telégrafo), sem a capacidade de repercutir com imediatismo os acontecimentos, especialmente justificado pela distância física entre os dois países. A partir desses episódios, a importância das publicações periódicas para entender melhor a realidade social de tempos históricos de onde já não podemos aceder diretamente aos seus atores, é notória. Apesar disso, aquilo que essas as revistas ilustradas de informação geral noticiaram sobre o centenário de independência não pode ser entendido como reflexo perfeitos da realidade nem prova absoluta da sociedade daquele período, mas sim indícios que, ao serem analisados, ajudam a construir um entendimento sociodiscursivo da sociedade da época. Essa asserção reforça



a ideia de que o jornalismo não é fechado. Com suas fronteiras difusas em relação ao campo enorme da comunicação social, em alguns momentos, se sobrepõe mesmo ao campo da história (Reis, 1993).

A imagem tem grande importância tanto para a *Ilustração Portuguesa* como para a *ABC*, com predomínio da imagem sobre o texto e um apelo ao emotivo mais do que o racional, característica marcante das revistas. Mesmo que, algumas vezes, a imagem seja exclusivamente protocolar, em outras, são elas que comunicam exclusivamente a informação. Essa afirmativa está de acordo com os dados quantitativos que apontam que as fotolegendas e as reportagens fotográficas correspondem à maioria dos géneros jornalísticos empregados pela *Ilustração Portuguesa* e pela *ABC*. As imagens de uma e outra possuem sempre grande destaque e contribuem, aos seus modos, para consolidar as ideias sugeridas no texto verbal, que sugerem algumas vezes uma mistura e irmandade entre Brasil e Portugal, enquanto em outras dá destaque exclusivo a Portugal, país que estaria na origem do Brasil e ao qual o Brasil e os brasileiros deveriam ser gratos, característica identificada nos dois periódicos.

A partir da análise das notícias publicadas pelas revistas identificamos três facetas distintas enquanto mensagem representativa do Brasil: A primeira delas diz respeito à distribuição a uma larga audiência das informações, em si, fazendo com que se tornem assuntos de discussão na esfera pública. Isso quer dizer que em Portugal durante o período da análise, falou-se muito do Brasil, mesmo que de forma secundária. A segunda defende que a disseminação dessa mensagem nos meios de comunicação lhe proporciona legitimidade, visto que existe a tendência de se acreditar nos factos que são publicados nos media. E, por último, e naquela em que se centra quase toda a discussão sobre o poder dos media, é o enquadramento com os quais a informação é apresentada, condicionando a sua visibilidade. Portanto, aquilo que foi noticiado pela *Ilustração Portuguesa* e pela *ABC* sobre o centenário de independência do Brasil ganhou legitimidade junto à população portuguesa. Não transparece do discurso das revistas qualquer sinal de mágoa ou ressentimento pela independência do Brasil, muito pelo contrário, há um certo orgulho pelo facto de Portugal estar na origem de um país grandioso como o Brasil. Valorizar o Brasil engrandeceria Portugal, pois os lusos estariam na génese do grande país-irmão sul-americano. O discurso de ambas as revistas apelara às ideias míticas de fraternidade e irmandade entre Portugal e Brasil, ainda que a perspectiva seja sempre a portuguesa.

Essas poucas imagens que os media portugueses davam do Brasil de 1922 foi projetada no imaginário da população portuguesa da época e reforçou a continuação de mitos com origens históricas e culturais que remontam à época do “descobrimento” e colonização do Brasil, confirmando a hipótese de partida. Apesar disso, devemos entender o que foi noticiado por ambas as revistas como algo que constitui uma proposta de enquadramento do Brasil, pois, mesmo passado um século da independência, as informações que foram veiculadas apresentava aos seus leitores um Brasil ex-colónia e pouco tinham a dizer sobre o que se passava

no Brasil no início do século XX. Mesmo que tenhamos identificados críticas feitas ao facto de que pouco se sabia sobre a cultura e da história contemporânea do Brasil de 1922, essas revistas não contribuíram de forma significativa para colmatar essas falhas. O que sucedeu, na verdade foi um enquadramento condicionado e muito voltado para “dentro” do contexto nacional português e não para o Brasil, como seria de se esperar num primeiro momento.

Assim, mesmo passados cem anos da independência brasileira, as representações mediáticas do Brasil na imprensa portuguesa, mais especificamente na *Ilustração Portuguesa* e na *ABC* refletiram uma construção etnocêntrica, europeia, estereotipada, lusocêntrica, redutora, que valoriza as características de semelhança do Brasil em relação a Portugal e desvaloriza, por total omissão, as características de diferenciação do Brasil em relação a Portugal e, sobretudo, a diversidade do Brasil, os Brasis dentro do Brasil. A importância dessas conclusões centra-se no facto de que os meios de comunicação são também responsáveis por atribuírem sentidos ao mundo, pois as sociedades e seus cidadãos são, em parte, moldados por aquilo que é divulgado por eles.

## Referências bibliográficas

- Ander-Egg, E. (2011). Metodologias da animação sociocultural. In M. Lopes (Coord.), *Metodologias de investigação em animação sociocultural* (pp. 4-26). Intervenção – Associação para a Promoção e Divulgação Cultural.
- Baldissera, R. (2003). Imagem-conceito, a indomável orgia dos significados. In *Anais do XXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*. Intercom.
- Barbosa, M. (2008). Jornalismo no Brasil: Dois séculos de história. In J. P. Sousa (Org.), *Jornalismo: história, teoria e metodologia da pesquisa* (pp. 129-154). Edições Universidade Fernando Pessoa.
- Barker, C. & Galanski, D. (2001). *Cultural studies and discourse analysis*. Sage.
- Barrere, L. L. (2017). *Representações do Brasil e do brasileiro no discurso do jornal espanhol El País no contexto pré-copa Fifa de 2014* [Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Espírito Santo]. <http://repositorio.ufes.br/handle/10/9388>
- Barthes, R. (1971). *Mitologias*. Edições 70.
- Barthes, R. (1984a). *A câmara clara*. Nova Fronteira.
- Barthes, R. (1984b). A mensagem fotográfica. In R. Barthes (Ed.), *O óbvio e o obtuso* (pp. 13-25). Edições 70.
- Barthes, R. (2006). *Elementos de semiologia*. Cultrix.
- Batzou, A. (2011). *Picturing immigration: photojournalistic representation of immigrants in Greek and Spanish press*. Intellect.
- Bignami, R. (2002). *A imagem do Brasil no turismo*. Aleph.
- Bonifácio, M. F. (1993). O abençoado retorno da velha história. *Análise Social*, XXVIII(122), 623-630. <http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1223291617R-oxXX6ke2Mw92DA3.pdf>
- Brasil, A. (2013). A construção da imagem do Brasil no exterior: um estudo sobre as rotinas profissionais dos correspondentes internacionais. *Revista FAMECOS*, 19(3), 775-794. <https://doi.org/10.15448/1980-3729.2012.3.12901>
- Bryant, J. & Zillmann, D. (Comp.). (1996). *Los efectos de los medios de comunicación*. Paidós.
- Charaudeau, P. (2006). *Discurso das mídias*. Contexto.
- Durand, G. (1988). *A imaginação simbólica*. Cultrix/Edusp.
- Durand, G. (1997). *As estruturas antropológicas do imaginário: introdução à arquetipologia geral*. Martins Fontes.
- Durand, G. (1998). *O Imaginário: ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem*. Difel.
- Entman, R. M., Matthes, J. & Pellicano, L. (2009). Nature, sources, and effects of news framing. In K. Wahl-Jorgensen, K. & T. Hanitzsch (Eds.), *The handbook of journalism studies* (pp. 175-190). Routledge.
- Fowler, R. (1994). *Language in the News* (3rd edition). Routledge.
- Gadamer, H.-G. (1999). *Verdade e Método. Traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica* (3th ed.). Vozes [original de 1960].
- Galtung, J. & Ruge, M. H. (1965). The structure of foreign news. The presentation of the Congo, Cuba and Cyprus crises in four Norwegian newspapers. *Journal of Peace Research*, 2(1), 64-90. <https://doi.org/10.1177/002234336500200104>
- Gamson, W. (1989). News as framing. *American Behavioural Scientist*, 33(2), 157-161. <https://doi.org/10.1177/0002764289033002006>
- Gamson, W. A & Modigliani, A. (1987). The changing culture of affirmative action. In R. Braungart (Ed.), *Research in political sociology* (vol. III, pp. 137-177). JAY Press.
- Gitlin, T. (1980). *The whole world is watching*. University of California Press.
- Goffman, E. (1975). *Frame analysis. An essay on the organization of experience*. Northeastern University Press.
- Hartley, J. (2002). *Communication, cultural and media studies: the key concepts*. Routledge.
- Hugon, S. (2006). O Brasil mítico dos franceses. *Revista FAMECOS*, 13(31), 20-23. <https://doi.org/10.15448/1980-3729.2006.31.3388>
- Joly, M. (1996). *Introdução à análise da imagem*. Papirus.
- Lisboa, W. T. (2008). Reminiscências coloniais e sentidos midiáticos: a identidade brasileira em Portugal. *Perspectivas de la Comunicación*, 1(2), 30-38. <http://revistas.ufro.cl/ojs/index.php/perspectivas/article/view/31>
- Lopes, A. S. P. & Sousa, J. P. (2019). Transições na imagem do Brasil em Portugal veiculada pela imprensa: um estudo sobre as matérias publicadas nas revistas ilustradas portuguesas (1834-1922). *P2P & Inovação*, 6(1), 257-269. <https://doi.org/10.21721/p2p.2019v6n1.p257-269>
- Lopes, M. C. (2010). *A imagem do Brasil no jornalismo estrangeiro* [Tese de doutoramento, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo]. <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/13484>
- Maffesoli, M. (1998). *Elogio da razão sensível*. Vozes.
- Maidment, B. (1996). *Reading popular prints, 1790-1870*. Manchester University Press.
- Orgad, S. (2012). *Media representation and global imagination*. Polity Press.
- Paganotti, I. (2007). Imagens e estereótipos do Brasil em reportagens de correspondentes internacionais. *RuMoRes*, 1(1). <https://doi.org/10.11606/issn.1982-677X.rum.2007.51102>
- Paganotti, I. (2009). Imagens do Brasil turístico nas páginas do New York Times. *Pensamento e Realidades*, 24(2), 47-64. <https://revistas.pucsp.br/pensamentorealidade/article/view/7083>
- Paganotti, I. (2013). O crime que (as)salta das páginas de jornal: a violência na paisagem nostálgica da cobertura turística brasileira do Diário de Notícias. *Parágrafo*, 1(1), 61-70. <https://revistaseletronicas.fiamfaam.br/index.php/recicofi/article/view/127>
- Palmer, R. (1969). *Hermeneutics: interpretation theory in Schleiermacher, Dilthey, Heidegger, and Gadamer*. NUP.
- Pontes, L. (2004). Mulheres brasileiras na mídia portuguesa. *Cadernos Pagu*, (23), 229-256. <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8644663>
- Proença, M. C. (2015). *Uma História concisa de Portugal*. Círculo de Leitores.
- Rasia, R. O. (2014, 16 de setembro). O olhar estrangeiro sobre o Brasil nos documentários de Rogério Sganzerla. *Doc On-Line*, 16, 72-98.
- Reis, A. (1993). O Jornalista e o Historiador: aproximações e Diferenças. *Penélope: revista de história e ciências sociais*, (12), 135-142. <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=2685810>
- Ricoeur, P. (1987). *Teoria da Interpretação*. Edições 70 [original de 1965].



- Scheufele, B. (2008a). Content analysis, qualitative. In W. Donsbach (Ed.), *The international encyclopedia of communication*. (Vol. III, pp. 967-972). Blackwell Publishing.
- Scheufele, B. (2008b). Content analysis, quantitative. In W. Donsbach (Ed.), *The international encyclopedia of communication* (Vol. III, pp. 972-978). Blackwell Publishing.
- Scheyerl, D. & Siqueira, S. (2008). O Brasil pelo olhar do outro: representações de estrangeiros sobre os brasileiros de hoje. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, 47(2), 375-391. <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/tla/article/view/8645169>
- Silva, J. M. (2017). *Diferença e descobrimento: o que é imaginário*. Sulina.
- Silverstone, R. (2002). *Por que estudar a mídia?* Loyola.
- Sousa, J. P. (2004a). Imagens do Brasil na imprensa portuguesa de grande circulação. In Sousa, J. P. (Org.), *Cadernos de Estudos Mediáticos*, III, pp. (93-176). UFP
- Sousa, J. P. (2004b). *Fotojornalismo. Introdução à história, às técnicas e à linguagem da fotografia na imprensa*. Letras Contemporâneas.
- Sousa, J. P. (2005). *Elementos de jornalismo impresso*. Letras Contemporâneas.
- Sousa, J. P. (2006). *Elementos de teoria e pesquisa da comunicação e dos media*. Edições Universidade Fernando Pessoa.
- Sousa, J. P. (2017). *Veja! Nas origens do jornalismo iconográfico em Portugal: um contributo para uma história das revistas ilustradas portuguesas (1835-1914)*. Media XXI.
- Stephens, M. (1988). *A history of news. from the drum to the satellite*. Penguin Books.
- Tashakkori, A., & Teddlie, C. (Eds.). (2010). *Sage handbook of mixed methods in social & behavioral research*. Sage.
- Traquina, N. (2002). *Jornalismo*. Quimera Editores.
- Verón, E. (2013). *La semiosis social 2: ideas, momentos, interpretantes*. Paidós.
- Veyne, P. M. (1996). *Comment on écrit l'Histoire*. Editions du Seuil.
- Viana, B. C. B. (2014). *A imagem do Brasil na mídia impressa portuguesa. Um estudo de caso do Diário de Notícias e do Público* [Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Rio Grande do Norte]. <https://repositorio.ufrn.br/jspui/handle/123456789/16424>
- Viana, B. C. B. (2020). *O Brasil que é notícia: as representações jornalísticas nos media online portugueses em 2016* [Tese de doutoramento, Universidade do Porto].
- Wimmer, R. D. & Dominick, J. R. (1996). *La investigación científica de los medios de comunicación. Una introducción a sus métodos*. Bosch.